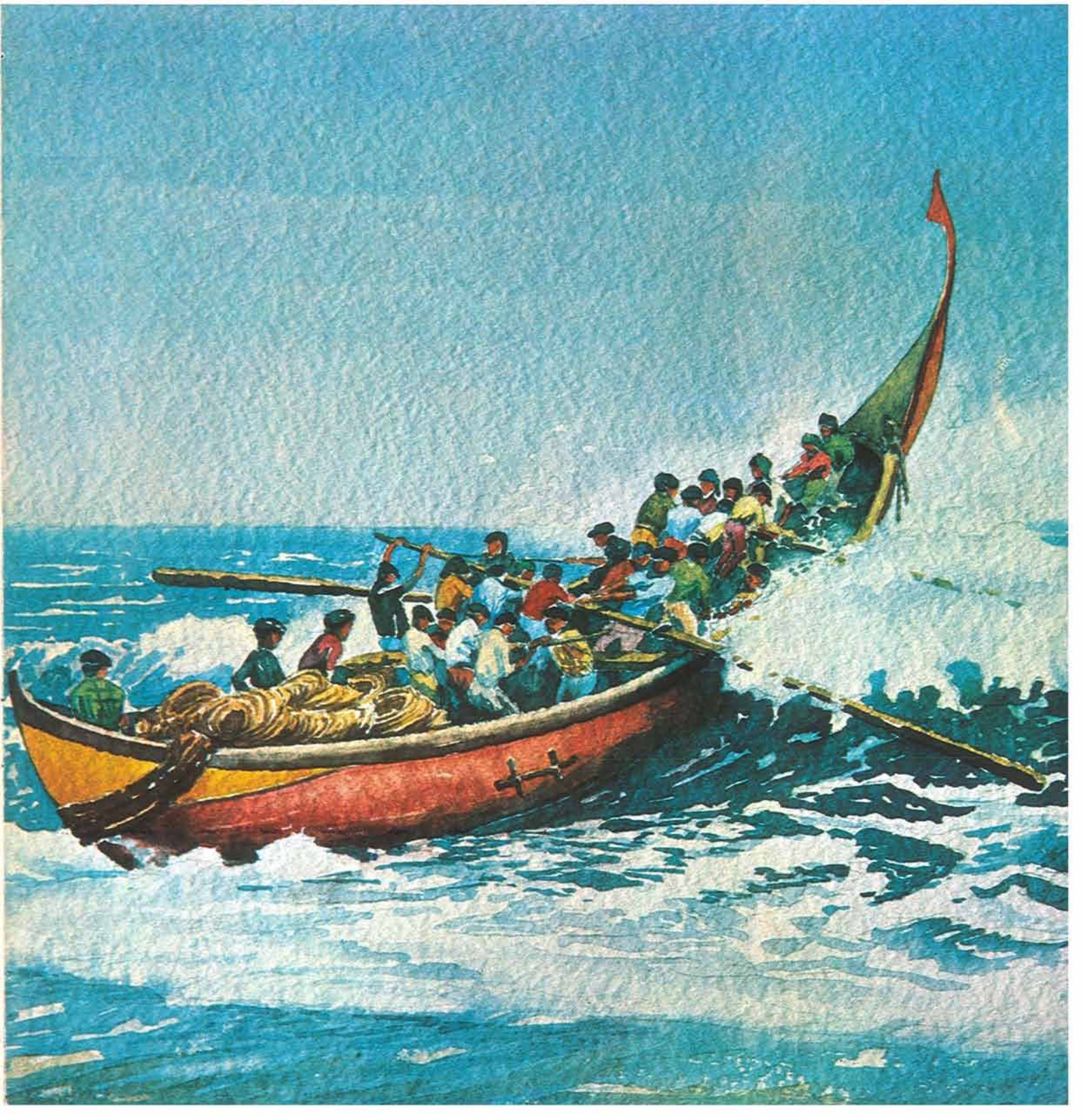
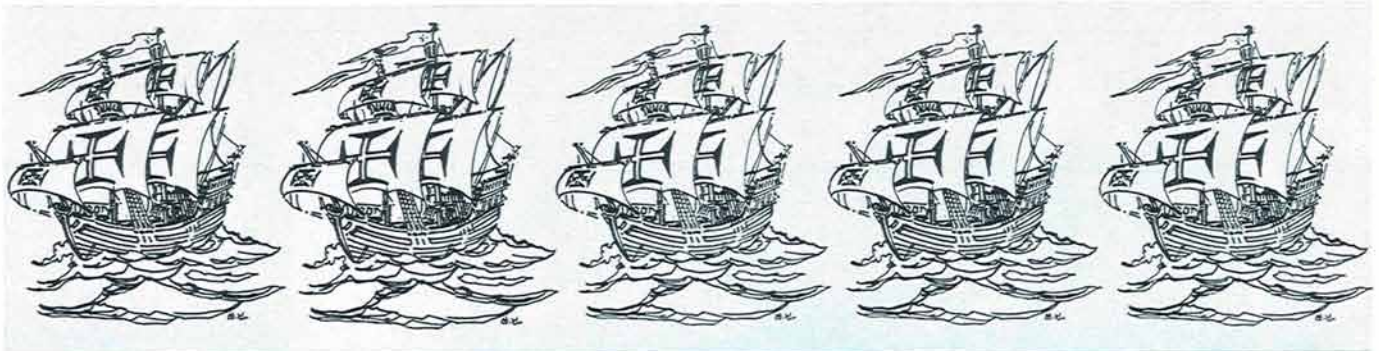
N.º 17 / FEVEREIRO 1973 / ANO II

revista da ARMADA



sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. Horta	**Efemérides Navais**	4
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	4
H. Vilela	**Peixes que protegem os filhos**	5
S. Elpídio	**A Pátria Honrai**	6
S. Cabeçadas	**Ultramar** Ilha de Moçambique, Berço do Cristianismo na Costa do Índico	7
S. Elpídio	**Saibam Todos**	9
O. Lemos	**Bibliografia**	10
M. Leite	**Vida**	11
L. Bilreiro	**Stanavforlant no Mediterrâneo**	12
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	14
Redacção	**Voz da Abita**	16
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** Uma Exposição no Clube Militar Naval *XI Exposição de Artes Plásticas da Marinha*	17
G. Brandão	**Filatelia**	20
S. Elpídio	**Curiosidades**	21
P. Caeiro	**Desporto**	22
S. Elpídio	**Reportagem**	24
S. Machado	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 17 / FEVEREIRO DE 1973 / ANO II

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil
(Via marítima) 26$00

Na capa:

Vida Difícil – A Companha vai para o Mar
(Aguarela do cap.-frag. O. Lemos)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

DIVAGANDO

Quando eu era estudante, já pensava em vir para a Armada. As razões que me levavam a isso não vêm ao caso. Hoje, quero apenas focar a ideia que eu fazia acerca dos marinheiros, que era, aliás, a que fazia quase toda a gente.

Para mim, um marinheiro era um militar aprumado, valente e desembaraçado, respeitador e educado, sabendo conviver com todos, orgulhoso da sua profissão e da sua farda... um tanto rufião e desordeiro... gingão, fumando cachimbo e «cheirando» a tempestades...

Assim, logo que assentei praça fiz o que faziam quase todos: comprei um cachimbo e comecei a gingar o corpo. Até parecia um lobo do mar!

Acabei os estudos, embarquei, e só então compreendi que para me equilibrar com o balanço de bombordo a estibordo tinha mesmo de ser gingão, e que para fumar e trabalhar ao vento, no convés, o melhor era o cachimbo. Também percebi que depois de andar no mar aos tombos, vinha-se para terra e... algumas vezes, exagerava-se um bocadinho...

Mas a maior parte das pessoas compreendia-nos e perdoava. Às vezes até achava graça... E era assim, porque nesse tempo os portugueses tinham muita estima pelos seus marinheiros e muita admiração pela sua Marinha.

Quero crer que continua tudo na mesma...

Com.

BOAS FESTAS

Agradecemos e retribuímos as Boas Festas que tiveram a gentileza de nos enviar as seguintes individualidades: Commander Iberian Atlantic Area and Mrs. Robert B. Erly; cap.-m-g. Manuel Lopes de Mendonça, director do Aquário Vasco da Gama; capelão graduado em cap. frag. João Soares Cabeçadas; «Jornal do Exército»; cap. ten. AN Orlando Sátiro Andrade Caeiro Junça; 1.º ten. SG Angeolino Pereira de Matos; 2.º ten. SG Fernando Gama Brandão; 2.º ten. SE António dos Santos Coentro; D. Maria de Lourdes Matos; Delegação de Oeiras da Liga dos Combatentes; Rádio Graça; Associação dos Antigos Marinheiros da Armada (Lourenço Marques); sargentos da fragata «Comandante João Belo»; sargentos do Destacamento de Fuzileiros n.º 10; 1.º sarg. AEA Cândido da Silva Cruz; 1.º sarg. M Joaquim Cabrita Machado; mar. FZE Carlos Guerreiro; mar. E Francisco Correia Pereira; Octávio Manuel Pires Lavado Soeiro; prof. E. F. José do Carmo Medeiros de Almeida; Hernâni Lopes; António Duarte Vieira; Alberto Fernando de Vasconcelos Guimarães; Carlos Manuel Estrela; e os faroleiros do Cabo de S. Vicente.

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE FEVEREIRO

Em 12 de Fevereiro de 1856, nasce em Lisboa Henrique Lopes de Mendonça, oficial da Armada, onde alcançou o posto de capitão-de-mar-e-guerra. Poeta e escritor dramático de muito mérito, foi o autor da letra de «A Portuguesa», hino nacional. No dizer de Júlio Dantas «foi um dos grandes da nossa literatura, um dos mais perfeitos e austeros cultores que tem tido, em todos os tempos, a língua portuguesa, e, nas múltiplas expressões do seu talento e do seu civismo, um patriota exaltado e ardente, cujo optimismo, cuja ânsia de epopeia, cuja fé indestrutível nos destinos da Pátria, resplandeceu nos versos eternos do hino nacional».
Foi sócio efectivo e presidente da Academia das Ciências de Lisboa, sócio da Academia Brasileira de Letras, do Instituto de Coimbra e membro honorário do P. E. N. Clube de Londres. Foi ainda professor de História na Escola de Belas-Artes de Lisboa.

Em 27 de Fevereiro de 1502, nasce em Lisboa D. João de Castro, que haveria de ser o 4.º vice-rei da Índia. Alguém escreveu que «os homens dessa época tinham de dedicar a sua actividade a profissões variadas, e assim vemos D. João de Castro, que era evidentemente um homem superior, ser ao mesmo tempo guerreiro em terra e no mar, roteirista consagrado, político, estadista colonial, tudo isto vivendo numa vida curta; se a alguma profissão se dedicou de preferência foi à de marinheiro».

M. Horta
Sarg. aj. L

Perguntas... Com Cocha

1 – Âncora do almirantado é propriedade dos almirantes?
2 – Âncora entoucada usa touca?
3 – E âncora flutuante, flutua?
4 – Âncora ordinária não presta?
5 – Âncora pelos cabelos, está mesmo contrariada?
6 – Âncora sagrada merece tratamento especial?
7 – Com essa andaina você acha que vai bem vestido?
8 – Embarcação à ginga tem tendências fadistas?
9 – Andar a leste é caminhar para oriente?
10 – Andar assim, como é?

Respostas... Descochadas

1 – Âncora do almirantado é a que tem haste de aço, braços curvos e cepo que entra em ângulo recto no furo do extremo livre da haste.
2 – Diz-se que a âncora ou ferro está entoucado quando a amarra se acha enrascada nos braços.
3 – A âncora flutuante é um aparelho de que existem vários tipos e que é usado em caso de mau tempo com o objectivo de aguentar o navio ou embarcação perpendicular ao mar, não permitindo que se atravesse à vaga.
4 – Âncora ordinária é o mesmo que âncora de cepo ou âncora do almirantado.
5 – A âncora ou ferro está pelos cabelos quando se encontra fora de água e suspensa pelo anete.

6 – Âncora sagrada é o mesmo que âncora da misericórdia; como já se disse, era o maior ferro do navio, usado apenas em circunstâncias de perigo extremo.

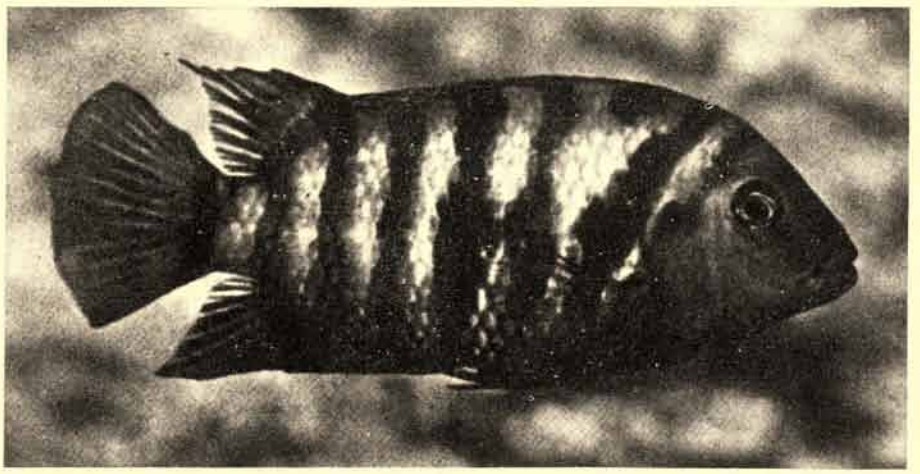
7 – A andaina, a bordo, é um jogo completo de velas, panos de embarcação, ferramentas, etc.

8 – Uma embarcação vai à ginga quando é conduzida remando com um só remo pela popa, com movimentos de bombordo a estibordo e de cima para baixo.

9 – Andar a leste ou estar a leste é termo de calão que significa desconhecer ou não estar ao facto de determinado assunto ou acontecimento.

10 – Andar assim é seguir ao rumo que a agulha indicar naquele momento.

Peixes que protegem os filhos



«Chanchito»

Os peixes na sua generalidade não rodeiam os filhos de quaisquer cuidados; mas há excepções que merecem ser assinaladas. É exemplo o caso de que fomos testemunha, passado há um bom par de anos no Aquário Vasco da Gama.

Num pequeno aquário de vidro, de secção rectangular, vivia um grupo de peixes de água doce cujo nome científico é *Cichlosoma facetum* e que são conhecidos entre nós pela designação vulgar de «chanchitos». São peixes oriundos das Américas Central e meridional, introduzidos há anos no nosso país, ao qual perfeitamente se aclimataram. São abundantes na bacia do Guadiana e também assinalados em Vale de Mira, Praia de Mira. Podem atingir até cerca de 16 cm de comprimento, mas são mais frequentes indivíduos de menor tamanho, à volta de 10 cm. São muito apreciados pelos aquariologistas dado que são decorativos e vivem bem em cativeiro.

Mas vamos ao caso. Um belo dia, verificámos que um par de «chanchitos», precisamente os maiores, se isolava dos seus companheiros, passando a ocupar um dos cantos do aquário. As listas verticais que ornamentam ambos os flancos do corpo apresentavam-se mais brilhantemente negras, sobretudo no macho cujos olhos se mostravam aureolados de vermelho.

O comportamento deste casal despertou a nossa atenção e desde então passámos a vigiá-los cuidadosamente. Assim, um dia vimos que a fêmea encostando o ventre a uma das duas paredes mais pequenas do aquário, à mais próxima do canto em que o casal se isolara, a percorria verticalmente, de baixo para cima, depositando no vidro uma fiada de pequenos pontos amarelos, que eram ovos. Fez uma série de percursos paralelos, sempre de baixo para cima, terminados os quais ficou estampado na chapa de vidro um lindíssimo tapete rectangular de pontos amarelos. Enquanto isto se passava, o macho mantinha à distância, com fortes arremetidas, os seus companheiros. Terminada a postura o macho repetiu rigorosamente os percursos feitos pela fêmea e fecundou os ovos, enquanto esta o substituía na defesa do seu «território».

Ao cabo de poucos dias, cinco, se a memória não nos trai, dos ovos fecundados resultaram outros tantos jovens «chanchitos» que espalhando-se pelo aquário eram àvidamente engolidos pelos vizinhos. Estabeleceu-se luta entre os progenitores e os companheiros, agora seus inimigos, e houve por isso que tomar providências.

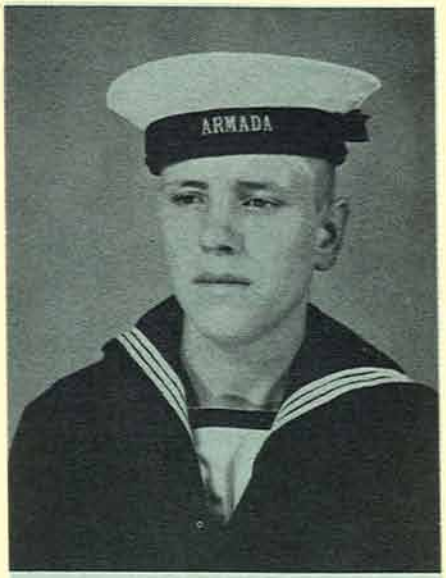
Dividiu-se o aquário em duas partes por meio de uma grossa chapa de vidro. Numa das partes ficaram instalados o casal e os filhos; na outra, os vorazes vizinhos. Como a divisória assentava numa camada de areia grossa, os miúdos, atrevidos e inconscientes, passavam por debaixo dela através dos interstícios do chão de areia e iam morrer à boca dos seus predadores que tiveram um lauto banquete.

Os pais aflitos passavam também por debaixo da divisória, mas com grande esforço. Afastavam os inimigos e enchiam a boca com os filhos evadidos que iam esconder sob a areia no sector que lhes fora reservado. Para remediar a situação só houve uma solução: distribuir os «chanchitos» por dois aquários. Num ficaram o casal e os filhos sobreviventes, no outro os insaciáveis predadores.

O caso que se relata revela pois entre os peixes um excepcional sentimento de família, normal nos animais superiores, mamíferos e aves, mas não em todos.

H. Vilela

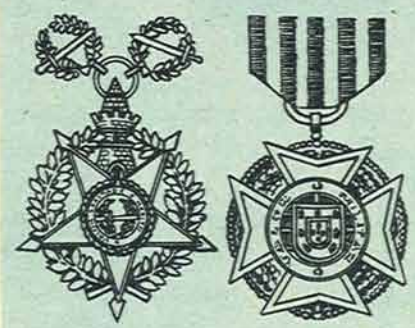
a Pátria honrai

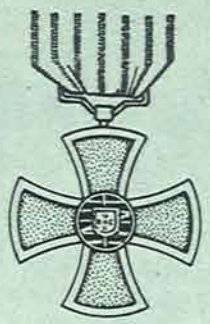


O 1.º-grumete fuzileiro n.º 2862/69 CELESTINO MESQUITA DE CARVALHO tombou heròicamente no cumprimento do dever; o reconhecimento das elevadas virtudes militares que demonstrou até ao último momento, a consciência da sua obrigação e a serena energia manifestada debaixo de fogo fizeram-no altamente merecedor da medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe que pòstumamente lhe foi concedida.

Seguindo como apontador de metralhadora numa lancha de desembarque, verificou logo aos primeiros tiros de uma forte emboscada que a localização da sua arma não se ajustava à necessária direcção de reacção; decididamente desmontou-a do reparo, e quando se preparava para fazer face ao inimigo com o seu fogo, foi atingido por vários tiros que o fizeram cair à água e nela desaparecer.

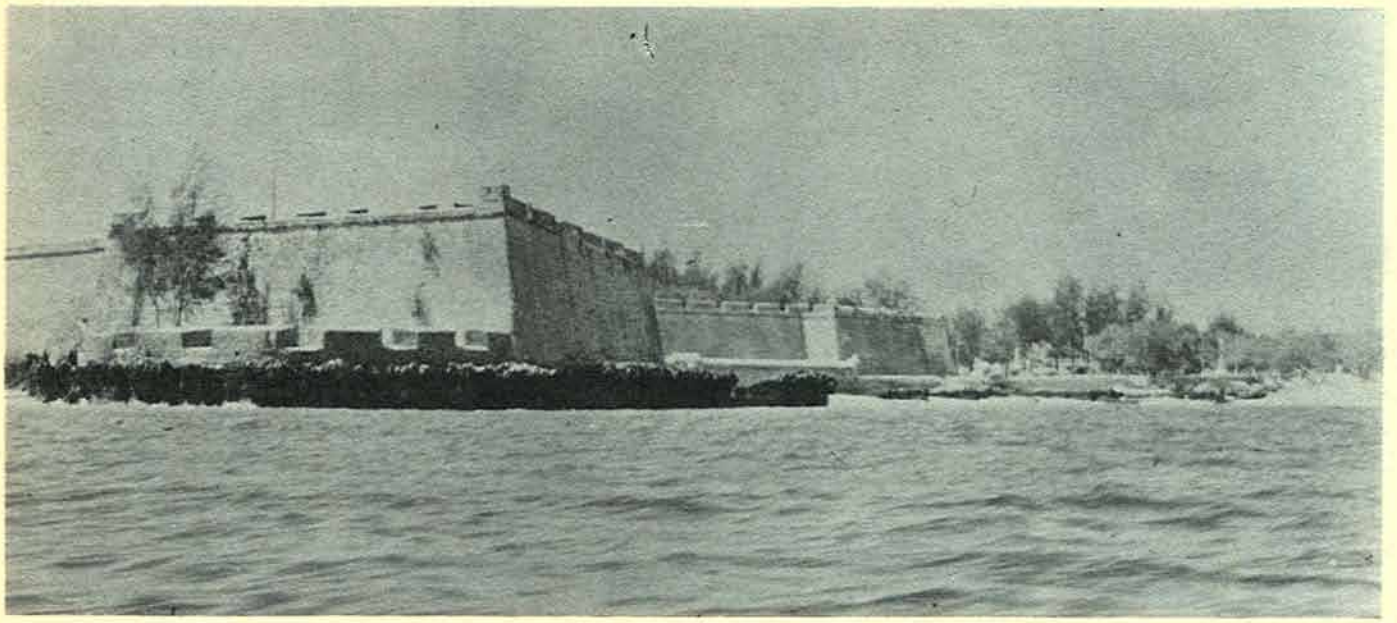
A forma corajosa e vincadamente consciente como se portou tornaram-no digno de ser apontado como exemplo à Corporação a que pertence e que com a sua atitude muito honrou.





N. R.: *O 1.º-grumete fuzileiro CARVALHO era natural de Sever, concelho de St.ª Marta de Penaguião, distrito de Vila Real.*

ILHA DE MOÇAMBIQUE
BERÇO DO CRISTIANISMO NA COSTA DO ÍNDICO



Ilha de Moçambique – Fortaleza

Segundo nos informa Álvaro Velho, no domingo 11 de Março de 1498, foi celebrada a primeira missa no ilhéu de S. Jorge, hoje de Goa, em frente à ilha de Moçambique, «debaixo de um arvoredo muito alto»; «todos comungaram com muita devoção estando confessados da noite», acrescenta Castanheda (Liv. I, cap. 7). A esquadra do grande Vasco da Gama aportara então a esta ilha de Moçambique e acabara de ter notícias certas da Índia, e Álvaro Coelho, marinheiro da nau «S. Rafael», escreveu no «Diário da Viagem»: «Éramos tão ledos que com prazer chorávamos e rogávamos a Deus que lhe aprouvesse de nos dar saúde para que víssemos o que todos desejávamos.»

Assim, principiou o culto católico nesta ilha, onde tantos missionários, marinheiros, militares e homens de Governo haviam de passar, uns a caminho da Índia e do Extremo Oriente, outros para evangelizar e civilizar as terras moçambicanas.

Para recordarmos este acontecimento de extraordinárias consequências históricas, não só para Portugal Metropolitano e Ultramarino, mas para a própria Cristandade e para o mundo em geral, realizaram-se na ilha de Moçambique solenes comemorações quer patrióticas, quer cristãs e muçulmanas.

Se nos encontramos, nós portugueses, há 474 anos em terras de Moçambique, isso se deve ao plano genialmente concebido pelo Infante D. Henrique, o qual não teve a alegria de o ver concretizado no esforço espantoso e ingente dos navegadores que aportaram àquelas costas.

Portugal cristão foi escolhido para ser a maior nação missionária de todos os tempos.

Aceitamos que, como os homens são chamados por Deus a realizarem determinadas missões, também os povos podem ser inspirados por Deus a realizarem obras providenciais.

Camões, o épico genial que cantou a nossa história em versos incomparáveis e que na ilha de Moçambique viveu dois anos, referindo-se à nossa vocação missionária, escreve nestes termos:

Vós, portugueses, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais,
Vós que à custa de vossas várias mortes
A lei da vida eterna dilatais;
Assim do Céu deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na santa cristandade,
Que tanto, ó Cristo exaltas a humildade!

Ilha de Moçambique – Igreja Matriz

Passou no ano findo o IV centenário de «Os Lusíadas», que Portugal solenemente comemorou em tantas manifestações de preito e admiração, reconhecimento e gratidão, a quem tão luminosamente cantou as glórias de Portugal – Luís de Camões.

Na ilha de Moçambique foi também comemorada, em cerimónias de alto significado, a presença de Camões. A África, como o são a Índia e o Brasil, é a nossa glória e quem poderá prever as possibilidades de Moçambique, agora em plena organização de novas cristandades, com cerca de milhão e meio de cristãos?

Iniciámos esta obra de «dilatar a fé», numa época bem sombria da história da cristandade, na Europa.

A Europa do século XVI debatia-se em lutas sangrentas e fratricidas. Francisco I da França aliava-se aos turcos e estes, inimigos terríveis dos cristãos, dominando Constantinopla, infiltrados já no Sul de Itália, ameaçando Viena e a própria Roma, estavam prestes a estrangular a Europa. Portugal, no prosseguimento do plano do Infante D. Henrique, conseguindo chegar a estas paragens do Oriente, com a descoberta do caminho marítimo para a Índia e desferindo golpes mortais no poderio turco no Oriente, salva a Europa Cristã. É justíssimo que, sempre que venha a propósito, prestemos a nossa homenagem ao navegador que permitiu que tais sucessos se alcançassem – Vasco da Gama.

Moçambique nasceu para o cristianismo na ilha que tem o seu nome e dali irradiou para todas as imensas e misteriosas terras africanas do Índico, à custa do esforço, do sacrifício, e do martírio dos portugueses e especialmente dos missionários, desde o século XV até aos nossos dias.

Claro que não faltaram, como em todas as histórias dos homens, «erros em que não pode haver perdão sem ficar n'alma a mágua do pecado», como confessava Camões, a encarnação, talvez mais humana, das qualidades e defeitos dos portugueses que gastaram e esbanjaram a vida a espalhar amor por todos os quadrantes da Terra.

Nem sempre o amor foi puro e nobre, mas prouvera a Deus que de muitos outros povos se pudesse dizer o que Gilberto Freire escreveu:

«Depois de Cristo ninguém contribuiu tanto como o português para desenvolver o amor fraternal entre os homens» («Um Brasileiro em Terras Portuguesas», página 179).

«Se não descobrimos virtudes novas também não inventámos nenhum oitavo pecado mortal e a tarefa realizada, particularmente nos séculos XV, XVI e XVII, é realmente extraordinária» («História de Moçambique», do padre António Garcia, S. J.). E foi possível realizar uma obra ingente, porquanto Portugal não regateou enviar para o Ultramar os melhores dos seus filhos, em todos os tempos.

Não é possível, nem cabe neste artigo, enumerar essa plêiade de homens extraordinários que passaram ou foram enviados para as terras do Ultramar.

Camões, o maior dos poetas, como já referi, habitou, durante dois anos, na ilha de Moçambique. Por ali passaram, a caminho da Índia, os mais ilustres governadores ultramarinos: Albuquerque, D. João de Castro; por ali passaram e ali estiveram os nossos maiores apóstolos: S. Francisco Xavier e S. João de Brito; aquele, ali desenvolveu vasto apostolado, durante seis meses. O missionário padre Gonçalo da Silveira fundou a primeira missão em Moçambique, em 1560, em terras de Inhambane; o grande médico e naturalista Garcia da Orta e muitos outros portugueses ilustres mourejavam em terras portuguesas de África. E para o Brasil foram muitas outras personagens de grande projecção; invoquemos os nomes dos grandes missionários padres Manuel da Nóbrega e António Vieira, este último também glória das letras portuguesas. E todos estes homens, glória da Pátria e da Igreja, não foram em busca de fortuna, pois todos acabaram bem pobres, muitos deram a vida por amor dos povos a quem serviam e alguns foram mesmo mártires da fé cristã. Na ilha de Moçambique estão ainda bem patentes as obras levantadas pelos nossos antepassados e, por terra adentro, igrejas, missões, colégios, foram erguidos, pondo à disposição destes povos nossos irmãos os tesouros do cristianismo e da nossa civilização.

Desmembrada a Missão de Moçambique, em 1612, da Arquidiocese de Goa, pela Bula «In Super Iminenti» de Paulo V, foi pela mesma bula levado à categoria de Prelazia o território de Moçambique.

Alguns daqueles que foram nomeados, a morte os surpreendeu antes de assumirem os seus cargos.

Recordemos, entre eles, as figuras insignes de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, D. António de Sousa Barroso, D. Francisco Ferreira da Silva, D. Rafael Maria da Assunção e D. Teodósio Clemente Gouveia.

Foi só a partir de 1940 que, pela Bula «Solemnibus Conventionibus», do Santo Padre Pio XII, foi extinta a Prelazia de Moçambique e feita a divisão eclesiástica da Província em três Dioceses; Arquidiocese de Lourenço Marques e Dioceses sufragâneas da Beira e Nampula, seguindo-se até aos nossos dias a criação das outras Dioceses.

Em Moçambique, como nos outros territórios portugueses de África, vive-se num momento histórico particularmente grave, ao qual temos de corresponder com plena consciência das nossas responsabilidades de um Povo que se intitula orgulhosamente cristão. E a grande virtude do cristão, a qual é uma exigência do mandamento que Cristo pregou com a maior veemência, é a virtude da Caridade. «Amai-vos uns aos outros.» Um autor insuspeito e de grande projecção na literatura contemporânea, Stefan Zweig, referindo-se à nossa acção civilizadora no Mundo, faz esta afirmação: «A hora da maior coragem, na história da Europa, é a hora do esforço português.»

Essa hora repete-se no dia de hoje.

S. Cabeçadas
Capelão graduado em cap. frag.

saibam todos

Que os Serviços Sociais das Forças Armadas, através da Caixa Económica das Forças Armadas, concedem empréstimos a baixo juro aos seus beneficiários, sendo a respectiva amortização feita por desconto no vencimento.

Os limites do empréstimo são actualmente os seguintes:

30 000$00 – oficiais generais
20 000$00 – oficiais superiores
10 000$00 – oficiais subalternos
7 500$00 – sargentos
6 000$00 – praças – vencimento mínimo de 2200$00
3 000$00 – restantes praças

Que as praças da Armada com diminuições físicas sofridas no serviço militar e aquelas que se encontram na reserva ou reforma, com idade entre 50 e 62 anos, têm preferência no provimento de lugares de contínuos, porteiros e guardas dos serviços do Estado, serviços autónomos e autarquias locais.

Que os concursos para preenchimento dos quadros de agentes da Polícia de Fiscalização dos Estabelecimentos de Marinha, cabos-de-mar e de práticos da costa do Algarve, do quadro do pessoal civil do Ministério da Marinha, são reservados exclusivamente a praças da Armada com menos de 35 anos de idade.

Que nos concursos para pessoal do troço do mar do quadro do pessoal civil do Ministério da Marinha, têm preferência as praças da Armada com menos de 30 anos de idade.

Que o pessoal militar dos quadros permanentes e ainda dos quadros de complemento ou o pertencente ao quadro do pessoal civil do Ministério da Marinha, estes dois últimos enquanto na efectividade do serviço, pode requisitar à 5.ª Repartição da Direcção do Serviço do Pessoal (Bem-Estar) o transporte de mobiliário de e para o seu domicílio.

Que foi criado no quadro da classe de farmacêuticos navais o posto de capitão-de-mar-e-guerra e no quadro do serviço geral o posto de capitão-de-fragata.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

bibliografia

NOVA EDIÇÃO DE «OS LUSÍADAS»

A Parceria A. M. Pereira publicou uma nova edição de «Os Lusíadas» com notas explicativas e um dicionário para ajuda da interpretação do texto e de que é autor o Dr. Manuel dos Santos Alves. Trata-se de uma edição do tipo escolar especialmente adequada para os estudantes do liceu e da universidade e que não deixará de interessar a todos aqueles que desejam familiarizar-se com o poema do nosso grande épico.

PARA A HISTÓRIA DA CULTURA EM PORTUGAL, *por António José Saraiva*

Esta magnífica e já famosa obra de António José Saraiva (das melhores coisas que se publicaram no domínio da literatura ensaística) conhece agora uma nova edição através da editorial Europa-América.

OBRAS COMPLETAS DE ALVES REDOL

Dentro desta iniciativa, acaba a Europa-América de lançar o 5.º volume da colecção das Obras Completas de Alves Redol – o romance «Avieiros».

AMBAS AS MÃOS SOBRE O CORPO (ficção), *por Maria Teresa Horta*

Pouco tempo decorrido sobre a 1.ª edição, eis que este magnífico e tão discutido romance de Maria Teresa Horta conhece agora a sua 2.ª edição, lançada pela Europa-América.

OBRAS COMPLETAS DE AQUILINO RIBEIRO

No prosseguimento desta iniciativa, a Bertrand acaba de lançar no mercado o romance «A Batalha Sem Fim».

ECO DA SEMANA – *Uma publicação do Centro de Comunicações de Cabo Verde*

Ressurgindo com novo vigor, recebemos os números 10 e 11 da Revista em epígrafe. Elaborada com cuidado e extrema dedicação é com a maior alegria que registamos a boa impressão que nos deixou a sua agradável leitura. Aos responsáveis pela sua publicação enviamos daqui as nossas felicitações e votos de continuidade no novo rumo traçado.

O. Lemos
Cap.-Frag.

VIDA

A vida é como o mar.

Os mesmos furiosos vendavais,
noites medonhas, para além das quais
não há farol, nem porto, nem manhã.
Agonia salgada, esperança vã.
Tristes vultos inertes e sombrios,
cascos despedaçados de navios
que as algas, caridosas, vão cobrindo.
Monstros desapiedados, engolindo
os fracos, que não nascem para lutar.
É dura a vida, como é duro o mar!

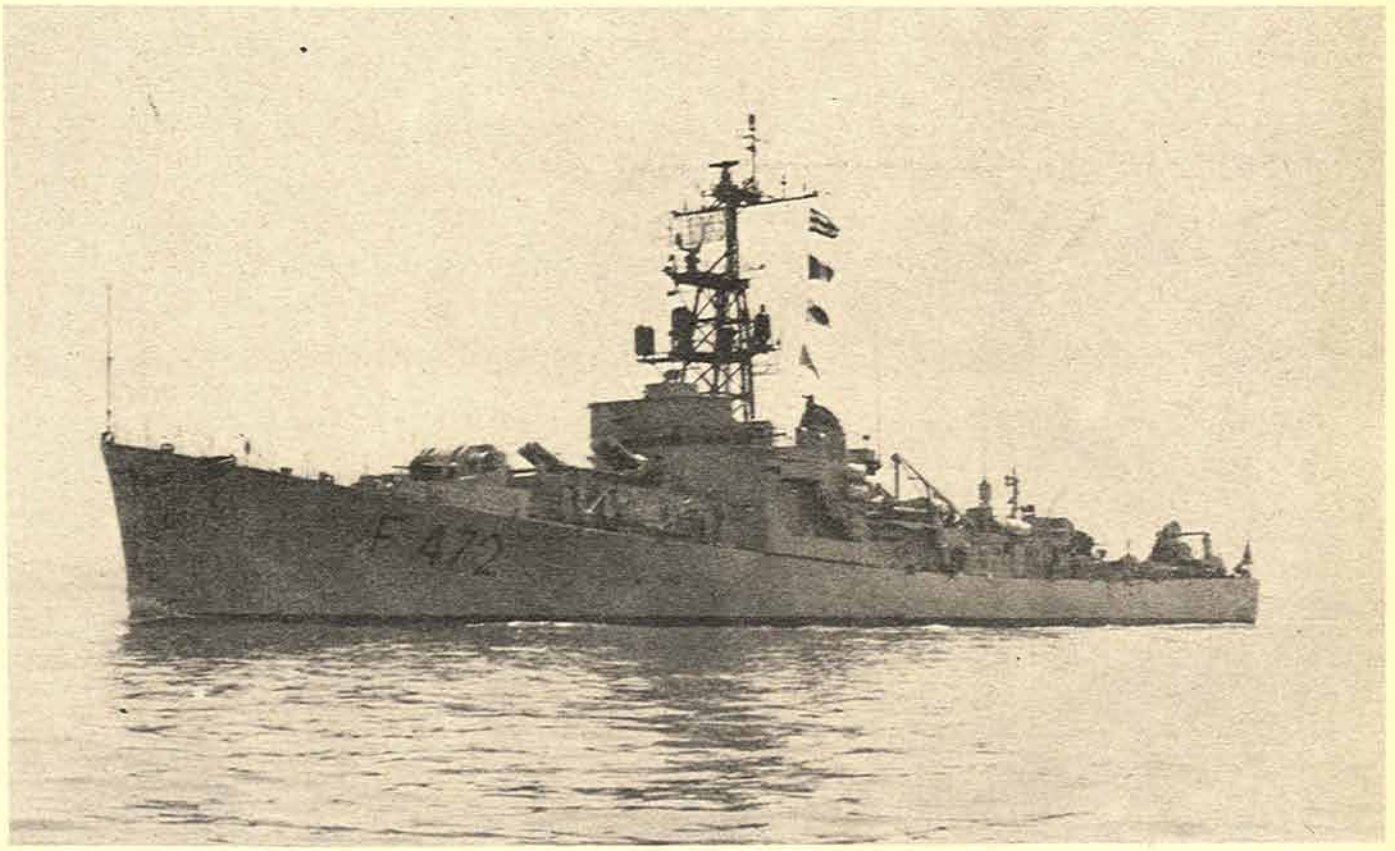
Foto de Nélson F. S. Araújo, mar. E

Porém, a madrugada já desponta.
A pequenina onda verde e tonta
tem transparências raras de cristal.
A brisa é doce, desconhece o mal,
afaga com seus dedos perfumados.
Sob as águas há búzios nacarados.
As naves vão seguindo suas rotas,
e as asas prateadas das gaivotas
lhes dizem que a bom porto vão chegar.
É bela a vida, como é belo o mar!

Maria Emília S. Leite
3.º oficial do Q. P. C. M. M.

Foto do 1.º-ten. Av. F. Lobo

STANAVFORLANT NO MEDITERRÂNEO



Fragata «Almirante Pereira da Silva»

No dia 1 de Maio passado o N.R.P. «Almirante Pereira da Silva» largou para portos estrangeiros integrado na Standing Naval Force Atlantic – Stanavforlant – que é mundialmente a primeira força naval permanente em tempo de paz e é formada por navios dos países membros da Aliança Atlântica.

Nos primeiros dias de mar houve bastante balanço, que foi bem suportado pelos já marinheirões da nossa costa com excepção do pobre «Olho Vivo». Este grumete artilheiro era um caso anormal de enjoo e o seu alimento diário consistia em copos de leite. O navio começou a queixar-se electrònicamente, o que é natural após um período de fabricos não terminados e a própria giro «enjoou» antes do primeiro reabastecimento. O toque constante do seu alarme, dava mais emoção à manobra já de si pouco confortável!

Para ocupar o tempo no intervalo dos quartos, víamos a televisão dos países limítrofes do Mediterrâneo. Havia a esperança de encontrar programas diferentes do nosso, mas concluímos que bàsicamente todos são semelhantes quer sejam espanhóis, marroquinos, argelinos, italianos, gregos ou turcos.

Passada uma semana, depois da partida de Lisboa, integraram-se na Força os navios gregos «Themistocles» e o turco «Izmir». Começou, então, um período de manobras com os navios agora evoluindo bastante próximos o que provocava o entusiasmo das guarnições. Numa das passagens pelo través declarou-se a «guerra» entre o navio holandês «Eversteen» e o nosso «Da Silva». Não calculam o que foi de gritos e vivas ao Ajax e Benfica! Isso foi motivo para que fosse a guarnição com quem, futuramente, iniciámos os primeiros contactos pessoais na Força.

A fotografia dos navios tomada pelo helicóptero inglês foi um dos exercícios efectuados e teve o nome de Photex. Segundo explicação americana, todas as palavras de código terminadas em ex significam exercícios, com excepção de «sex»!

Recebemos a bordo o *captain* inglês que era o Comodoro da Força e usava nessa visita o seu direito de permanecer e embarcar em qualquer dos seus navios. Os transbordos de pessoal e material realizavam-se por helicópteros, apesar do desagrado dos pilotos que consideravam o transporte de pessoas manobra arriscada.

Após uma dezena de dias de mar, entrámos em Esmirna por um estreito canal ladeado por mais vegetação do que esperávamos encontrar nessa zona e por um conjunto de construções estilo europeu de onde sobressaíam as mesquitas, com os seus minaretes.

A manobra de fundear fez-se em estilo britânico – navios em coluna passaram à formatura em linha e ao ETA previsto, em marcha avante, lançaram ferro ao mesmo tempo. Depois de termos conhecimento do horário de licenças (para nós era inconcebível) e das difíceis comunicações com terra, gerou-se a bordo um clima de mal estar porque após tantos dias no mar, imaginávamos que haveria totais facilidades. Esta reacção momentânea logo foi esquecida no momento de pisarmos terra.

Neste porto começaram os primeiros contactos entre guarnições. A estadia em Esmirna revelou-nos uma cidade simpática, cheia de artigos exóticos nas suas lojas e, como é tradicional, isso deu azo a grande volume de compras, muitas delas sem saber qual a sua utilidade, apenas motivadas pela ilusória ideia do «mais barato que em Lisboa». A cidade tinha como centro o monumento a Mustapha Kemal que tomou o apelido de Ataturk – pai dos turcos – e foi o oficial que, após a derrota turca na 1.ª Grande Guerra Mundial, implantou a república no país e nela governou como ditador. Durante o seu governo autoritário (1920-1938), baseado no seu prestígio, acabou com as seculares instituições do Império Otomano e realizou uma profunda transformação no seu país. Esta mudança constituiu a primeira experiência do género tentada num país muçulmano e é assinalável já que, nestes países, o humano estava por tradição ligado ao espiritual por meio da doutrina do Corão o que dificultava qualquer mudança.

Ao longo do cais existiam restaurantes em que os pratos de peixe e carne de carneiro com arroz podiam variar de 5 a 70 escudos.

Muito concorrido era o mercado local e lá se negociavam todas as coisas. Nessa zona se encontravam as mais belas mesquitas da cidade, sempre movimentadas, porque as orações, feitas com a face sobre a terra e a cabeça voltada para Mecca são uma das obrigações diárias da religião muçulmana; esta crença ainda se mantém bem viva no povo, apesar dos ataques que sofreu no começo do século, por parte do grupo dos «jovens oficiais» que, como Kemal, a responsabilizaram pelo atraso do seu país. Durante a escala neste porto, houve oportunidade de visitar Pérgamo e Éphesus que foram das mais importantes cidades da Antiguidade.

Largámos deste país convencidos de ter visitado o mais ocidentalizado dos países muçulmanos e totalmente integrado na NATO apesar da sua tão delicada posição estratégica.

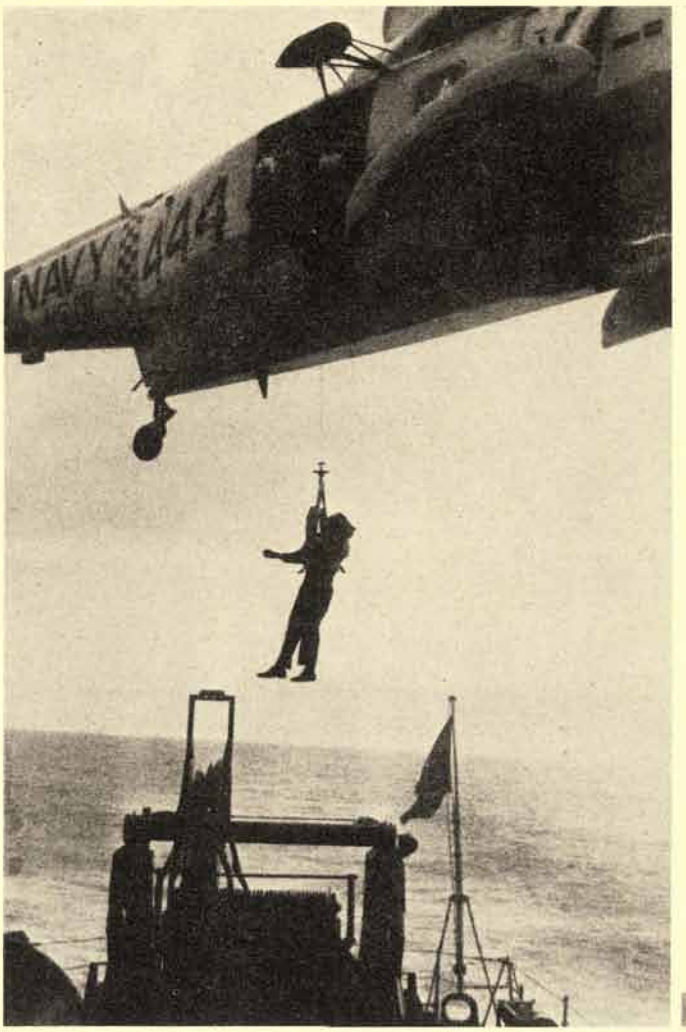
A segunda parte do exercício «Down Patrol» começou com bastante balanço, contrariando os que entre nós pensavam ser o Mediterrâneo calmo como um lago. Manobrámos ao largo das ilhas Mónias, que vistas do mar são todas iguais, para quem não as conhece, estando atribuída à Força uma pequena zona para patrulhar. Por consequência, víamos sempre as mesmas ilhas o que era imcompreensível para os que não percebiam a finalidade do exercício.

Ao fim de dois dias e após um reabastecimento no golfo de Saronikos, entrámos na baía do Pireu de onde descortinávamos a Acrópole no seu lugar sobranceiro a Atenas.

Depois de fundear era difícil saber qual a zona do porto em que estávamos e como os transportes não satisfaziam, a maior parte de nós preferiu, no primeiro dia, ficar a bordo.

Nos outros dias, na nossa embarcação ou aproveitando a «boleia» dos ingleses e alemães fomos para terra visitar Atenas, que se encontra afastada alguns quilómetros do mar pois assim melhor resistia aos ataques dos piratas. De todos os seus monumentos o Parthénon foi aquele que mais demoradamente visitámos e com o nosso guia aprendemos que ao longo dos séculos ele serviu de templo, igreja, mesquita, depósito de munições e no século XVII foi parcialmente destruído por

Transbordo de pessoal



um tiro de peça. Observámos um conjunto de obras de arte na Acrópole cujas proporções revelavam uma harmonia perfeita e serena, não sendo fácil para nós imaginar como uma pequena cidade conseguiu tão grande apogeu intelectual.

Terminada a estadia em Atenas dirigimo-nos para a Itália via canal de Corinto. Aqui, para a sua passagem, o navio necessitava de pagar vários milhares de «dráculas» (nome dado a bordo ao dinheiro grego). Imaginem os problemas dos «administrativos» que não vinham prevenidos... Foi necessário organizar uma colecta a bordo e por fim passámos o canal rebocados a boa velocidade com as defensas fora da borda, por entre muralhas de centenas de metros de altura cortadas a pique há cerca de 100 anos e quase toda a guarnição no convés.

Antes da chegada a Nápoles houve exercícios só para oficiais de quarto ao largo da ilha de Capri, onde segundo a mitologia estariam as sereias que atraíram Ulisses. Nessas evoluções os oficiais tinham oportunidade de mexer com o navio e de resolver situações criadas pelo navio coordenador que neste caso era o «Da Silva».

Na baía de Nápoles tivemos bastante tempo para admirar a cidade e o Vesúvio, pois foi muito demorada a faina dos primeiros navios a atracar. A manobra consistia em fundear e depois amarrar de popa a um cais cuja profundidade era a mínima exigível.

No primeiro dia fizemos contacto com a zona portuária de Nápoles. Sentimos aí uma certa influência americana e notámos proliferarem as técnicas de viver sem trabalhar e todo um conjunto de literatura, cinemas, e pessoas cuja razão de existir é o sexo.

Os serviços de bordo pouco rendiam porque no cais havia sempre grupos de turistas, deixados pelos grandes navios, que nos observavam e eram observados. Esperávamos aí resolver o problema dos sobressalentes pois no porto estava o navio apoio da 6.ª esquadra, U.S.S. «Sylvannia»; mas apesar da boa vontade dos intermediários nada conseguimos.

Aproveitando o direito de poder circular livremente nos navios da Força, usámos os serviços do estomatologista alemão e as outras guarnições vinham ao nosso navio atraídas pelo ambiente de fado que normalmente se criava.

Para os que frequentavam os bares, as situações nem sempre eram fáceis, como foi o caso de num deles um grupo ter sido convidado por gentis meninas para um canto menos iluminado da sala e, ao chegar lá, deparar com uma garrafa de champagne já aberta em cima da mesa com a conta ao lado.

Como era habitual também se realizou em Nápoles a recepção da Stanavforlant. Esta teve lugar no navio inglês «Aurora» cujo parque do helicóptero possuia óptimas condições para isso. Os navios colaboravam com dois copeiros e um porta bandeira que no portaló empunhavam a bandeira nacional. No convés havia um grupo de oficiais que serviam de anfitriões e velavam para que os convidados sempre tivessem um copo na mão.

No último dia, um conjunto de embaixadores visitou a Força e foi mais uma oportunidade para com o representante do nosso país se tentarem resolver problemas administrativos que se arrastavam desde a Turquia. Tal como a atracação, também a largada teve problemas, pois o nosso ferro estava enrascado na amarra do navio alemão. Depois de safos, navegámos para La Spezia, onde estivemos pouco tempo porque foi necessário «interceptar uma força russa» nas costas do Algarve. Neste percurso realizámos só exercícios simulados (para não diminuir a velocidade) e um Quizex. Este consistia em perguntas de cultura geral contidas em envelopes «invioláveis» que foram entregues ao navio pelo helicóptero. Durante o exercício os envelopes foram sucessivamente abertos depois de recebida ordem pela onda táctica e cada navio teve dois minutos para responder nessa onda. O nosso segundo lugar foi uma classificação muito honrosa. Depois de passado o estreito de Gibraltar o navio, do ponto de vista táctico, parecia adormecido, pois não era permitido operar equipamentos.

Luís Bilreiro
1.º ten.

notícias pessoais

CASAMENTOS

1.º-sarg. H Fernando Almeida de Sousa casou, em 29-10-72, com D. Maria da Conceição A. C. Lopes.

2.º-sarg. AEA Rogério Chaveca Silva casou, em 29-10-72, com D. Maria Rita L. Matos.

2.º-sarg. H Eliseu Augusto Narciso Pólvora casou, em 22-10-72, com D. Rosa Madalena P. Ribeiro.

274/69/Mar. FZ – Carlos Manuel T. Gregório casou, em 11-11-72, com D. Fernanda da Palma Teixeira.

2940/70/1.º-gr. FZ – António de Jesus Costa casou, em 22-10-72, com D. Sara de Sousa.

1183/72/2.º-gr. C – Manuel Joaquim Bernardo Águas casou, em 7-10-72, com D. Ana Bela V. Pereira.

PASSAGENS À RESERVA

1.º-ten. SG José Duarte Correia passou à Reserva Aa em 18-12-72.

Sarg.-aj. A José Pires Monteiro passou à Reserva Aa em 15-12-72.

Sarg.-aj. A José Melão Pacheco passou à Reserva Aa em 15-12-72.
3977/C. TFD – Mário Marques Maleita passou à Reserva Aa em 20-12-72.

APOSENTAÇÕES

D. Ilda Simões dos Santos Benedy, auxiliar de farmácia de 1.ª classe do Q. P. C. M. M.
Manuel Francisco Claro, operário de 2.ª classe do Q. P. C. M. M.

FALECIMENTOS

FALECEU
O MAIS VELHO OFICIAL
DA ARMADA

Com a idade de 99 anos, faleceu no passado dia 24 de Novembro em Lisboa o 1.º-tenente reformado António dos Santos Fernandes.
Natural da freguesia do Divino Espírito Santo, concelho de Aldegalega do Ribatejo, distrito de Lisboa, assentou praça em 29 de Outubro de 1891 como aspirante de administração naval, cujo curso terminou um ano depois; por despacho do ministro da Marinha foi transferido posteriormente para aspirante da classe de marinha. Realizou comissões de embarque em vários navios: canhoneiras «Bengo», «Thomaz Andrea», «Liberal» e «Vouga», transportes «Pêro de Alenquer» e «Salvador Corrêa» e cruzador «Almirante Reis», tendo comandado ainda o vapor «Fulminante».
Em terra, prestou serviço em Macau, Timor e Angola, onde foi capitão dos portos e director do Observatório Meteorológico e Magnético de Luanda; serviu também na Divisão Naval do Atlântico Sul e na Escola Prática de Torpedos e Electricidade, como instrutor.
Durante a sua estada em Angola foi autorizado pelo ministro da Marinha e Ultramar a desempenhar o cargo de administrador da Companhia Agrícola de Cazengo; nesta província comandou uma coluna que dominou uma revolta em Sto. António do Zaire. Reformado a seu pedido no posto de 1.º-tenente, assumiu o cargo de chefe dos Serviços de Exploração da Direcção-Geral dos Transportes Marítimos e mais tarde o de adjunto do director. Foi presidente do conselho fiscal do Banco de Angola e presidente da comissão administrativa da Companhia Nacional de Navegação, durante 4 anos; foi também administrador-delegado da Sociedade Agrícola do Cassequel e seu administrador até falecer e presidente da assembleia geral da Atlântica Companhia Portuguesa de Pesca e da SIGA, Sociedade Industrial de Grosserias de Angola. Em 1916 fundou uma casa comercial, Fernandes & C.ª, mais tarde de Fernandes, Bragança & Pereira, Ld.ª, que se passou depois a denominar por Sanfer, Ld.ª
Possuia várias medalhas e condecorações: medalha de prata da rainha D. Amélia comemorativa da expedição a Timor, medalha militar de prata de bons serviços, medalha militar de prata de comportamento exemplar, medalha de prata comemorativa das campanhas do Exército Português – Moçambique, cavaleiro da Real Ordem Militar de S. Bento de Aviz e comendador da Ordem Militar de Cristo.
Era casado com D. Maria Antónia Ventura e pai das senhoras D. Maria Carmina Santos Fernandes Caleia, D. Maria Cecília Ventura Santos Fernandes, D. Maria Joaquina Ventura Santos Fernandes e do eng. António Ventura Santos Fernandes, presidente do conselho fiscal da Companhia Colonial de Navegação, a quem a «Revista da Armada», penalizada, apresenta as suas sentidas condolências.

1.º-ten. SG RF Júlio Gomes de Albuquerque faleceu em 12-12-72.

1.º-ten. SG Fernando Sequeira Salvador faleceu em 3-12-72.
2.º-ten. SG Adelino António Teixeira faleceu em 22-12-72.
2.º-sarg. A António Jacinto Luís faleceu em 20-12-72.
2.º-sarg. ACM José Maria Sabrosa Araújo faleceu em 14-12-72, em Timor.
1185/67/Mar. E – António Proença dos Santos faleceu em 7-10-72, na Guiné.
1202/69/1.º-gr. L – Artur das Dores Brites faleceu em 16-12-72.

voz da abita

De uma carta do 1.º sarg. M – Joaquim Cabrita Machado, em serviço no N. R. P. «Cassiopeia», transcrevemos:

«Bissau, 21 de Dezembro de 1972.
«Com quase trinta anos ao serviço da nossa Marinha de Guerra, não posso deixar de manifestar a minha simpatia pela nossa nova «Revista da Armada» que, ao ser recebida a bordo da «Cassiopeia» em missão de serviço na Guiné, onde me encontro, logo a leio de princípio ao fim com uma certa alegria e a satisfação de que muito de bom existe na nossa Corporação, e que nem tudo está perdido neste Mundo. Valha-nos isso.
«Acho que foi uma excelente ideia a publicação desta revista, onde todo o pessoal da nossa «briosa», ou por qualquer motivo a ela ligado, pode revelar aquilo que vale para maior engrandecimento da nossa Armada.
«Ao seu Digníssimo Director e a todos que para ela trabalham desejo muitas felicidades e os melhores êxitos na sua continuação.
«Agradeço que seja inscrito assinante para o próximo ano (...).»

* * * * * * * * * *

De Manuel dos Santos Alípio, ex-praça da Armada, recebemos uma carta da qual extraímos:

«Odivelas, 5-12-72.
«Pela primeira vez que vi a «Revista da Armada» senti logo desejo de a adquirir. Como marinheiro que fui durante 52 meses – farda que enverguei com muito orgulho –, cada vez que vejo alguma publicação que traga notícias relacionadas com a Marinha de Guerra desperta-me imediatamente a atenção e a curiosidade.
«(...) desejaria ser inscrito assinante da Revista de todos nós, a partir de agora (...).»

* * * * * * * * * *

De Francisco Correia Pereira, mar. E n.º 1346/68, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«Bordo, 19-12-72.
«Tem sido com verdadeiro prazer que tenho lido e coleccionado a nossa Revista.
«Encontro-me a prestar serviço no N. R. P. «Dragão», na Guiné, e como tenho alguma dificuldade em continuar a coleccionar a Revista, devido ao transporte para a Metrópole, solicito a inscrição de uma assinatura anual endereçada para casa dos meus pais (...).
«Despeço-me com um grande abraço e votos de felicidade, em especial nesta quadra, para todos os que trabalham na nossa Revista.»

* * * * * * * * *

«POEMA DE HOMENAGEM A UM HOMEM SIMPLES...»

O ANDRÉ

era um homem triste
olhava as pessoas e as coisas
com um sorriso de desencanto
nos lábios roxos

arqueava as sobrancelhas
num gesto de menino
com o espanto de quem sofreu
[muito
e tinha um sorriso de desencanto
nos lábios roxos

era um homem triste
metabolizou
a tristeza no álcool
ofício humano

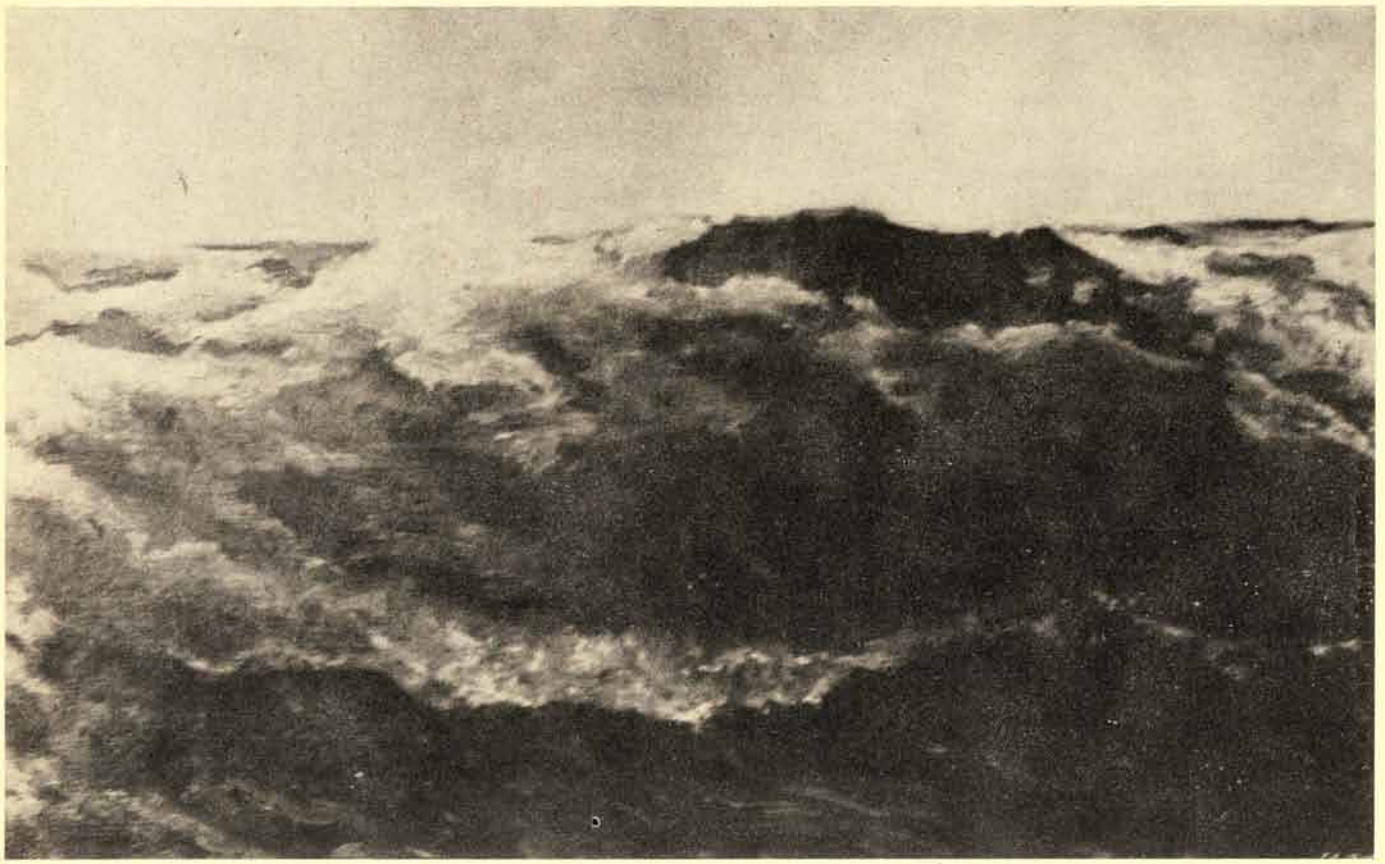
tinha nos lábios roxos
um sorriso de desencanto
era um homem triste

as pessoas impolutas e sensatas
chamavam-lhe bêbado...

R. Correia
1.º ten. MN

UMA EXPOSIÇÃO NO CLUBE MILITAR NAVAL

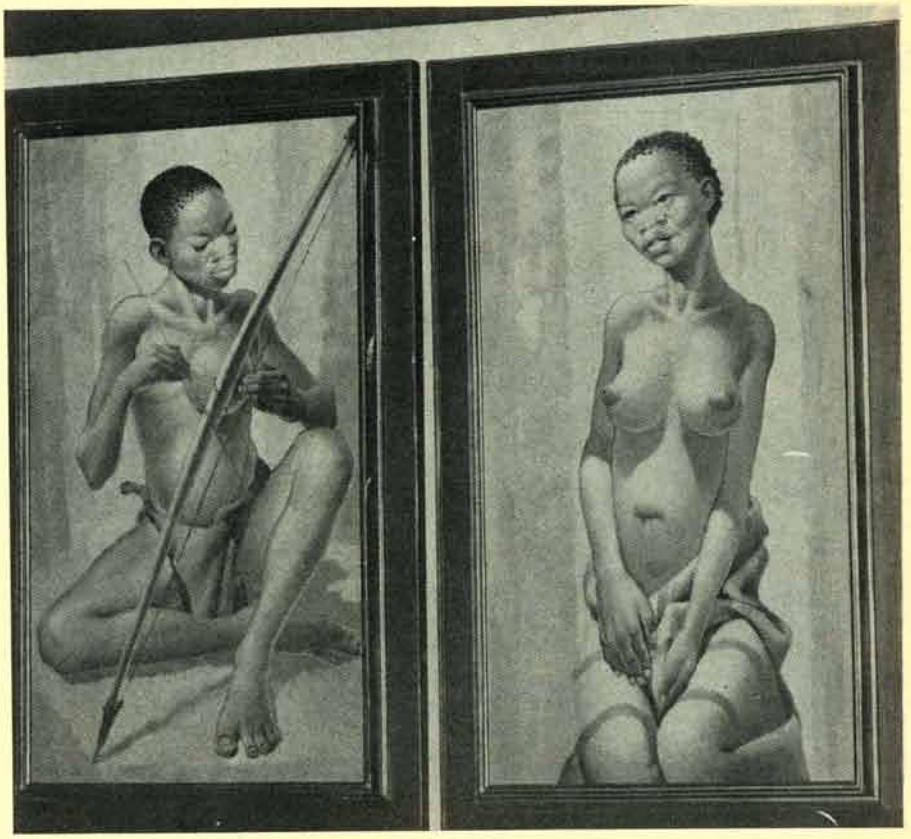
XI EXPOSICÃO DE ARTES PLÁSTICAS DA MARINHA



Vagas (óleo) pelo c/alm. Celestino da Silva

Teve lugar no passado mês de Dezembro uma exposição de pintura com obras da «gente da casa». Reuniram-se, numa das salas do Clube, especialmente adaptada para o efeito, 40 pinturas de oficiais da Armada. Pena foi que, ao apelo feito em «Ordem», não tivessem respondido com a sua presença sargentos e praças – pois temos a certeza de que os há com capacidade artística para não desmerecerem da participação. A Direcção do Clube quis aproveitar o ensejo para homenagear alguns camaradas já falecidos e que foram cultores entusiastas da arte. O contra-almirante Luiz Celestino da Silva, que poucos terão conhecido como artista, esteve presente com um magnífico óleo – «Vagas» – conseguindo, em tema tão difícil como é o mar, sem outro apoio ou motivo além da água e do céu, dar-nos uma ideia da sua

Rapaz e rapariga mucancalas (bosquimanos) (óleo) pelo comandante Sousa Machado

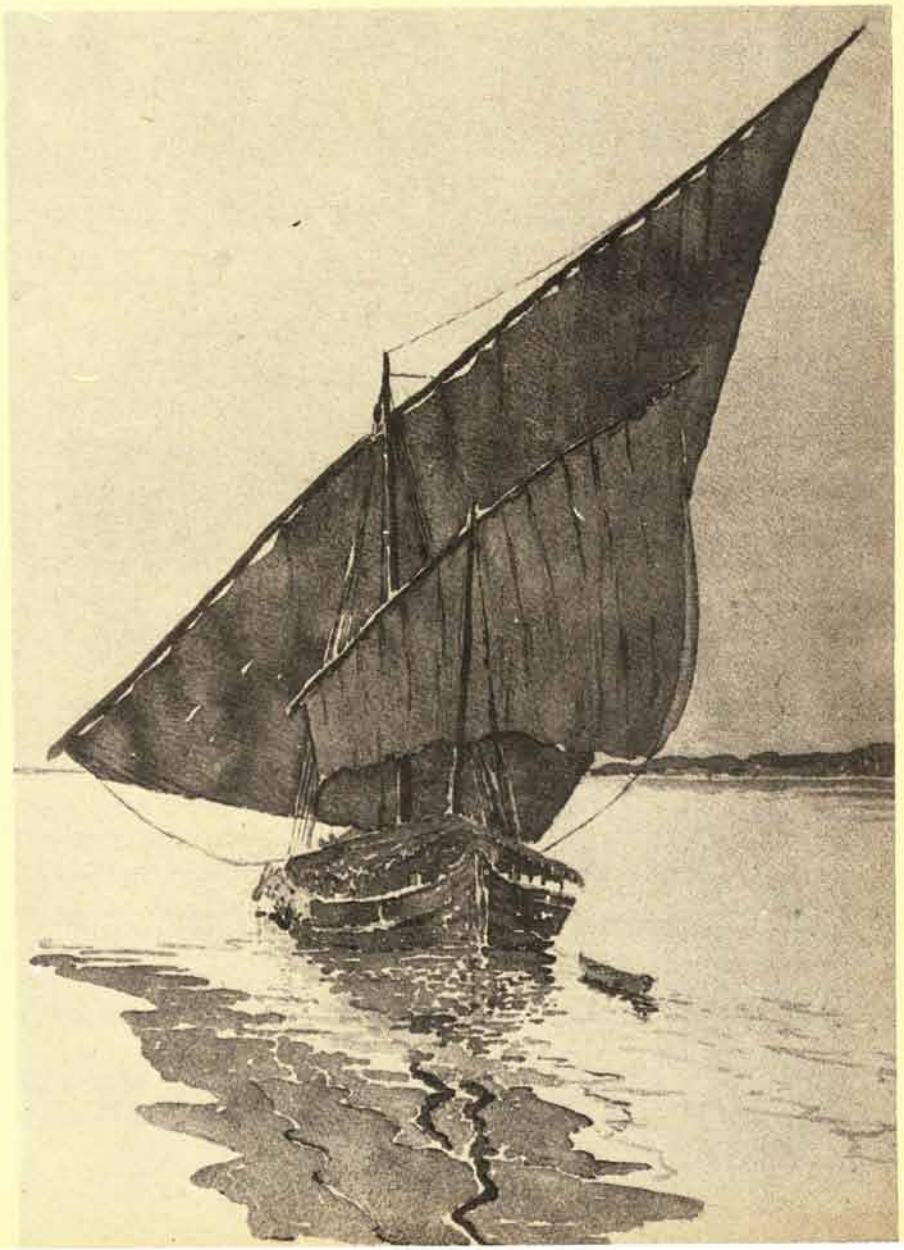


grandeza e magestade, como só um marinheiro de sensibilidade artística específica, seria capaz de traduzir. Conheci pela primeira vez o contra-almirante Celestino da Silva quando capitão-de-fragata e segundo comandante da Escola Naval e pude surpreendê-lo em plena criação artística, aguarelando uma panorâmica da Base Naval.

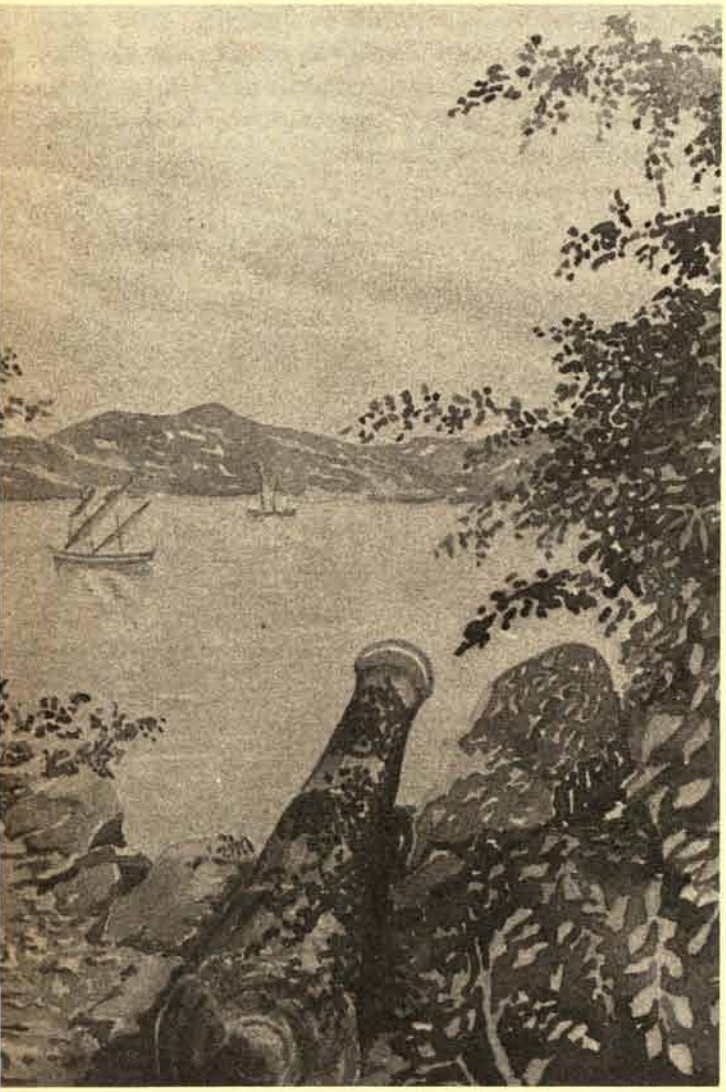
Apercebi-me fàcilmente de que uma excessiva modéstia não lhe consentia qualquer exibição das suas obras.

Eu esboçava por essa altura (já lá vão 27 anos) os primeiros tentames num passatempo a que bem gostaria de dedicar mais horas do que aquelas que a actividade profissional me consente. Pude, apesar da «incomensurável distância» que nesses tempos separava um cadete de um Segundo Comandante, trocar algumas impressões acerca do culto da arte entre a gente do mar. Cioso do seu recolhimento e do seu anonimato, poucos se davam conta, face à aparência severa do seu porte e do seu comportamento, de que ela escondia uma alma extremamente sensível. E este quadro, pertencente ao Museu da Escola Naval, aí está para o comprovar.

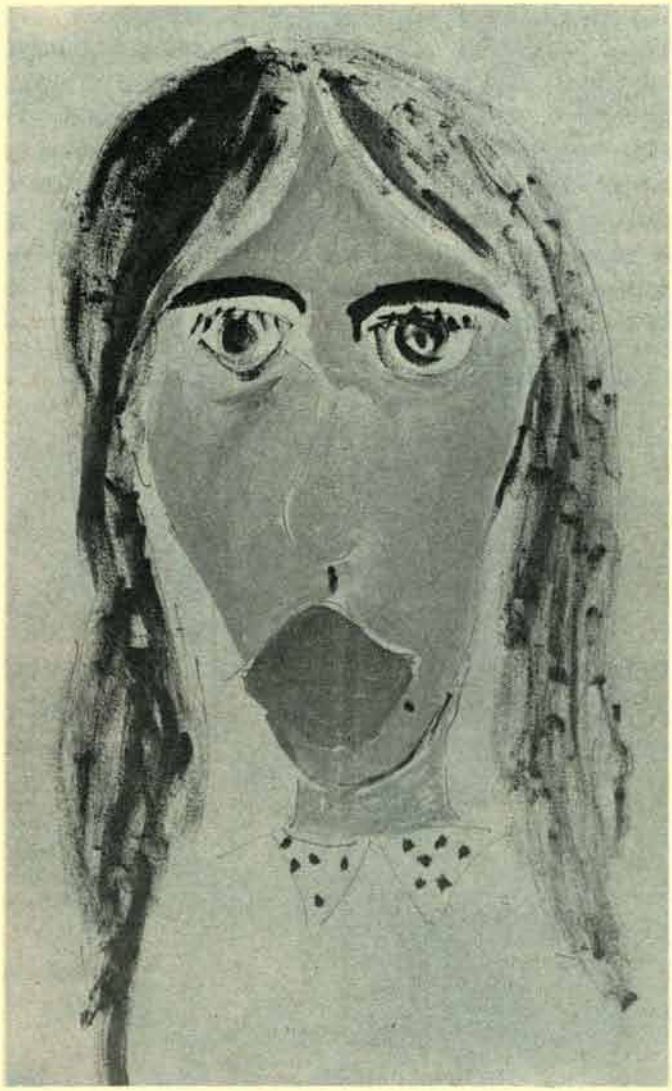
O comandante Rafael Leiria e o comandante Garrido da Silva, companheiros de antigas exposições no Clube, e já desaparecidos do nosso convívio, estiveram presentes, o primeiro com cinco óleos e o segundo com quatro aguarelas. O comandante Rafael Leiria era de todos o mais entusiasta e a ele se ficaram devendo um bom número destas iniciativas. O tempo livre de que dispunha ocupava-o a pintar e são muitos os quadros que deixou dispersos por colecções particulares e em organismos oficiais. Cultivava



Serenidade, Rio Zuari, Goa (aguarela) pelo comandante O. Lemos



Evocação, Ilha de Angediva, Goa (aguarela) pelo comandante O. Lemos



Retrato de Cristina (óleo e aguarela) pelo aspirante Mota Rodrigues

a paisagem – com especial incidência para as marinhas, de que são exemplo «Praia da Rocha» e «Fragatas no Tejo», agora expostas –, a natureza morta e o retrato. O comandante Garrido da Silva era um camarada de espírito vivo e sensível, que trabalhava a aguarela com desvelo e nos deixou alguns belos apontamentos como «Casa dos Trinta» e «Porta da Sé» na Guarda, patentes nesta exposição e de boa craveira técnica.

Prestada assim homenagem àqueles que já nos deixaram, falemos agora dos vivos. Apresentaram trabalhos os comandantes Sousa Machado, Silva Soares e Oliveira e Lemos e os aspirantes Mota Rodrigues e Joaquim Leão. O comandante Sousa Machado é um artista primoroso, trabalhando o óleo com apurada técnica e o desenho com invulgar mestria. Desta última faceta, muito tem aproveitado a «nossa Revista» que, em todos os números, regista sempre algo da sua criação artística. Dos óleos que apresentou nesta exposição destacam-se «Rapaz» e «Rapariga» Mucancalas (bosquímanos) tratados com grande apuro técnico. Se repararmos no rosto da rapariga, apercebemo-nos imediatamente de que, para além de uma pintura socorrendo-se de recursos técnicos que evidenciam grande à-vontade e seguro domínio do desenho, ressalta a vida interior do motivo, neste caso a de uma rapariga de alma ingénua e infantil, num corpo de mulher. E apercebemo-nos, no jeito da cabeça e postura do corpo, de que um mundo de ilusões povoa a alma dessa mulher criança.

O comandante Silva Soares é um aguarelista de gema e pena é que os seus afazeres profissionais não lhe consintam retomar uma actividade há anos, infelizmente, interrompida. A qualidade e economia da cor, aliada a uma transparência sem mácula, fazem das suas aguarelas autênticos modelos deste género de pintura.

O comandante Oliveira e Lemos apresentou num número considerável de aguarelas com motivos do Estado Português da Índia. Foi com algum alvoroço que resgistámos a presença de dois rapazes, frequentando ainda a Escola Naval. Eles são o penhor de que a arte não está morta entre nós e continuará a ter cultores entre as gerações que agora

iniciam a sua carreira. O aspirante Mota Rodrigues apresentou um desenho em técnica mista – guache e óleo – de traços incisivos, donde ressalta uma espontaneidade gestual de expressão directa e penetrante.
O aspirante Joaquim Leão apresentou dois pequenos óleos, um dos quais oferecia uma qualidade de feitura em contradição com o tamanho, podendo considerar-se já boa e prometora pintura.
Os organizadores esperam que esta exposição possa ter servido de incentivo para aqueles que, por inércia ou retraimento não vieram dar-lhe o seu concurso. Cremos que, quer pela apresentação dos trabalhos em ambiente acolhedor e atraente, quer pela qualidade das obras, esta exposição teve nota francamente positiva. A Direcção do Clube esteve pois de parabéns.

O. Lemos
Cap. frag.

---

filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

O Ministério do Ultramar mandou emitir e pôr em circulação em Macau, no dia 25 de Dezembro, um selo comemorativo do 1.º centenário do teatro D. Pedro V, daquela província.
O selo, com o valor de duas patacas, reproduz a fachada do referido teatro e foi apresentado impresso a catorze cores o que lhe concede um magnífico aspecto.

Também em Dezembro, no dia 27, foi posta a circular na Metrópole, a série comemorativa do IV centenário da publicação de «Os Lusíadas».
É composta por três valores, com desenhos de Daciano Costa, e foram impressos a uma só cor para cada valor, duas delas por sinal muito semelhantes.

Havia grande expectativa por esta emissão, não só pelos selos em si, mas também por que todos os selos da temática «Camoniana» até agora emitidos são belos e muito expressivos.
Contudo, essa expectativa foi iludida, pois estes selos apenas pelas legendas se integram no assunto.
Na verdade, os desenhos nada nos «dizem» sobre a publicação de «Os Lusíadas» e, na nossa opinião, são de um estilismo nada significativo e pouco recomendável para se homenagear a 1.ª edição daquela imortal e universalmente conhecida obra.
Francamente, os filatelistas esperavam outros selos, que o tema bem merecia.

G. Brandão
2.º ten. SG

1.ª EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DA ARMADA

REGULAMENTO

Art.º 1.º – A 1.ª Exposição Filatélica da Armada é uma iniciativa da «Revista da Armada», e será integrada nas cerimónias do Dia da Marinha a comemorar em 1973.
Art.º 2.º – Poderão concorrer quaisquer coleccionadores, principiantes, médios ou avançados, que prestem serviço na Armada como militares ou funcionários civis.
Art.º 3.º – Os concorrentes poderão participar com selos de Portugal (Metrópole e Ultramar), selos estrangeiros, marcofilia, colecções temáticas, sobrescritos com carimbos de 1.º dia ou comemorativos, provas, erros, variedades e reimpressões filatélicas.
Art.º 4.º – A todos os concorrentes, independentemente dos prémios conquistados, será distribuída uma medalha comemorativa e respectivo diploma.

Art.º 5.º – Nenhum expositor poderá retirar a sua participação enquanto a exposição estiver patente ao público.
Art.º 6.º – A entidade organizadora reserva-se o direito de sòmente expor de acordo com o espaço disponível, pelo que, em caso de rateio, deverá ser indicado e seleccionado, de preferência pelo expositor, o material a apresentar. No entanto, as colecções enviadas serão todas presentes ao júri.
Art.º 7.º – O material enviado será apreciado por um júri não concorrente, que atribuirá os prémios indicados no catálogo da exposição, os quais serão entregues em dia e local a anunciar oportunamente.
Art.º 8.º – O júri poderá deixar de atribuir algum ou alguns dos prémios anunciados, quando não o considere merecido.
Art.º 9.º – Na classificação do material que lhe for apresentado, o júri orientar-se-á pelos princípios estabelecidos pela Federação de Filatelia e as suas decisões, definitivas e sem apelo, serão tomadas por maioria de votos e registadas em acta especial.
Art.º 10.º – As inscrições devem ser feitas pessoalmente ou por carta e serão dirigidas à «Revista da Armada», devendo os interessados descrever a sua participação e declarar que aceitam as condições deste Regulamento. A omissão desta declaração é entendida como aceitação de tais condições.
Art.º 11.º – O material a expor deverá ser entregue pessoalmente ou enviado pelo correio sob registo para a «Revista da Armada» em data a anunciar no número de Maio desta Revista.
Art.º 12.º – Serão dadas todas as facilidades aos expositores que desejarem montar pessoalmente as suas colecções, o que deverão fazer em data a anunciar. Neste caso, deverão manifestar tal desejo no pedido de inscrição.
Art.º 13.º – A organização não se responsabiliza pelo material exposto que poderá ser seguro pelos proprietários.
Art.º 14.º – Nos casos omissos ou de interpretação deste Regulamento decidirá a entidade organizadora.
Art.º 15.º – O local, dias de duração da exposição, constituição do júri e outras notícias relacionadas com a exposição, serão oportunamente comunicadas através dos números da «Revista da Armada».

* CURIOSIDADES

O grupo Onassis estuda o projecto de um novo tipo de petroleiro cujo porte pode atingir um milhão de toneladas dw. O projecto, denominado Delta System, é constituído por uma unidade maior – navio-mãe – e unidades mais pequenas, destacáveis, onde é transportada a carga. No alto mar, o navio actua como se fosse um todo.
Chegado ao destino, as unidades, ou tanques destacáveis, separam-se do navio-mãe e são rebocadas para os terminais. Cada unidade, que pode ir até 250 000 t dw, está equipada com bombagem e lastro próprios.
O navio-mãe que transportará os combustíveis de consumo está equipado com a maquinaria, equipamento de navegação e camarotes para a tripulação. O projecto apresenta diversas vantagens uma das quais é a de este tipo de navio poder ser construído num estaleiro com capacidade para unidades de 250 000 t dw, e outra é não ficar imobilizado em caso de acidente.

O maior guindaste do Mundo, de 480 pés de altura, 522 pés de abertura e uma capacidade de elevação de 1500 t, vai ser instalado no estaleiro Kockums, em Malmö. O guindaste, que ficará operacional este ano, custará à companhia cerca de 9 milhões de libras.

O custo total dos trabalhos das empreitadas para a construção do edifício que constitui a 1.ª fase da Escola Náutica Infante D. Henrique, incluindo mobiliário, equipamento e arranjos exteriores, importou em cerca de 48 000 contos. A J. N. M. M. e as companhias de navegação comparticiparam com mais de 14 000 contos.

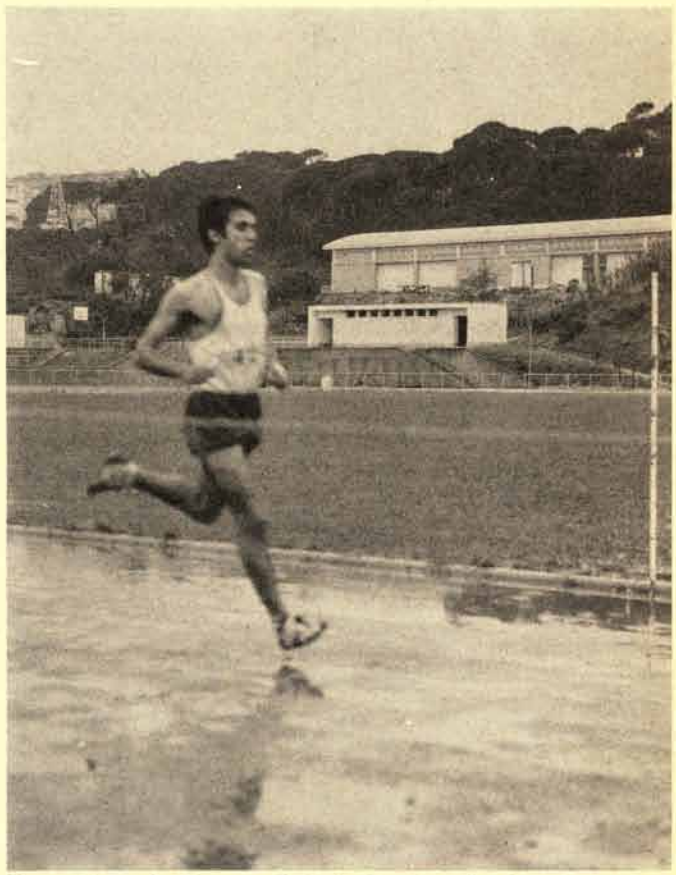
A Xá do Irão inaugurou o maior terminal do Mundo para ramas petrolíferas – uma enorme ilha artificial construída no golfo Pérsico.
Planeada para a nova geração de petroleiros gigantes, os ancoradouros do terminal permitirão duplicar a capacidade de exportação de ramas petrolíferas do Irão. Um dos ancoradouros será destinado a petroleiros de 500 000 t dw e o outro a navios de 300 000 t dw.

(Do Boletim Analítico da J.N.M.M.)

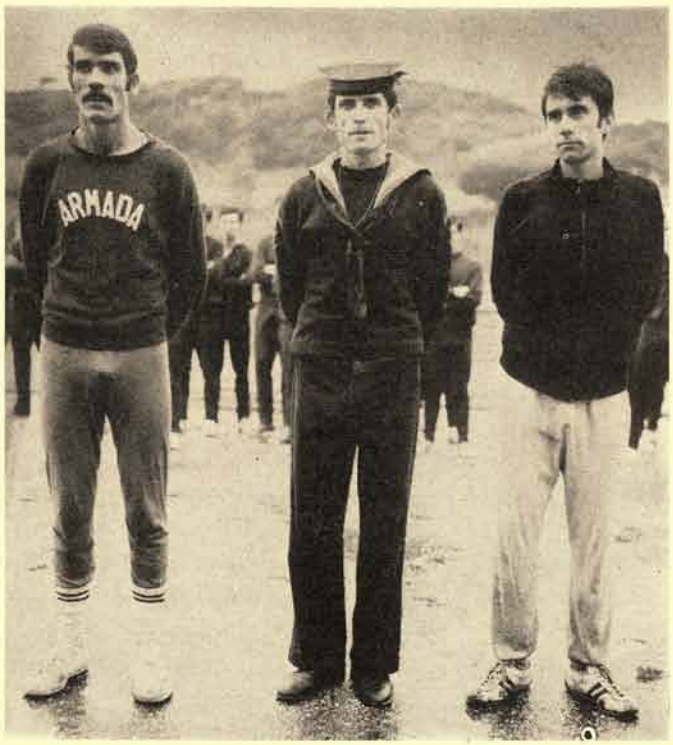
CORTA-MATO DA MARINHA NO ALFEITE

Vitória individual de Bernardino do GR1EA e colectiva do CEFA numa excelente jornada de propaganda. Concluiram a prova 99 concorrentes!

Aspecto da partida dos 117 concorrentes



Bernardino, do Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, corta a meta isolado e



Da esquerda para a direita: Gato (C. E. F. A.), 3.º lugar, Afonso (E. F.), 2.º lugar e Bernardino (G. 1 E. A.), vencedor

recebe das mãos do prof. Fonseca e Costa a medalha de ouro.

A valorosa equipa do G. 1 E. A. que este ano se classificou em 2.º lugar por equipas, vendo-se o vencedor com o n.º 42

Da esquerda para a direita: os atletas do C. E. F. A. que conquistaram a Taça Comando Naval do Continente

CORTA-MATO

Com uma excelente organização da Direcção do Serviço de Educação Física da Armada, decorreu no dia 16 de Dezembro o habitual corta-mato da Armada, disputado na distância de 4 quilómetros, nos terrenos circundantes do estádio da Base Naval de Lisboa.

Apesar das condições climatéricas adversas – choveu durante toda a prova –, bastante assistência presenciou um belo espectáculo desportivo ao qual concorreram 117 elementos (92 em 1971) pertencentes às unidades seguintes: Comando de Segurança e Defesa do Edifício do Ministério da Marinha (12), Direcção do Serviço de Armas Navais (4), Grupo N.º 2 de Escolas da Armada (7), Centro de Educação Física da Armada (28), N. E. «Sagres» (15), draga-minas «Santa Cruz» (3), Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 2 (1), Escola de Fuzileiros (24), draga-minas «Brava» (9), Grupo N.º 1 de Escolas da Armada (12), Base Naval de Lisboa (1) e Comando Naval do Continente (1).

Individualmente, Bernardino do G. 1E. A. foi um excelente vencedor com cerca de 200 metros de avanço sobre o 2.º classificado, Afonso, da E. F., tendo Gato, do C. E. F. A., obtido a 3.ª posição. Saliente-se ainda que Bernardino tinha conseguido um 3.º lugar no corta-mato do ano passado e que Gato, 5.º na mesma prova, foi 3.º na deste ano. Curioso registar ainda que Conceição, do C. E. F. A. repetiu a classificação (4.º lugar) em dois anos consecutivos!

Colectivamente, o C. E. F. A. ganhou com muito brilho, destronando o G. 1 E. A. de modo a não deixar dúvidas quanto à justiça da sua vitória, pois colocou 5 atletas entre os 10 primeiros classificados.

Desistiram 18 concorrentes, número excelente, se atendermos à dureza da prova e às más condições do percurso, este ano muito selectivo.

Damos a seguir os resultados técnicos do corta-mato:

CLASSIFICAÇÃO INDIVIDUAL

		min.	seg.
1.º – 1.º-gr. L. 2631/70, Bernardino	G. 1 E. A.	13	24
2.º – Mar. C FZM 1259/66, Afonso	E. F.	13	50
3.º – Mar. FZM 1761/65, Gato	C. E. F. A.	14	00
4.º – Mar. A 1177/71, Conceição	C. E. F. A.	14	08
5.º – 2.º-gr. FZ 575/72, Gamelas	C. N. C.	14	22
6.º – Mar. A 2288/69, Oliveira	C. E. F. A.	14	34
7.º – 2.º-gr. FZ 1196/72, Adão	C. E. F. A.	14	37
8.º – 2.º-gr. CM 1023/72, Almeida	G. 1 E. A.	14	38
9.º – 2.º-gr. FZ 1258/72, Silva	C. E. F. A.	14	43
10.º – 1.º-gr. M 1165/71, Carvalho	«Sagres»	14	46
99.º – 1.º-gr. L 1262/69, Padrão	C. S. D. M.	–	–

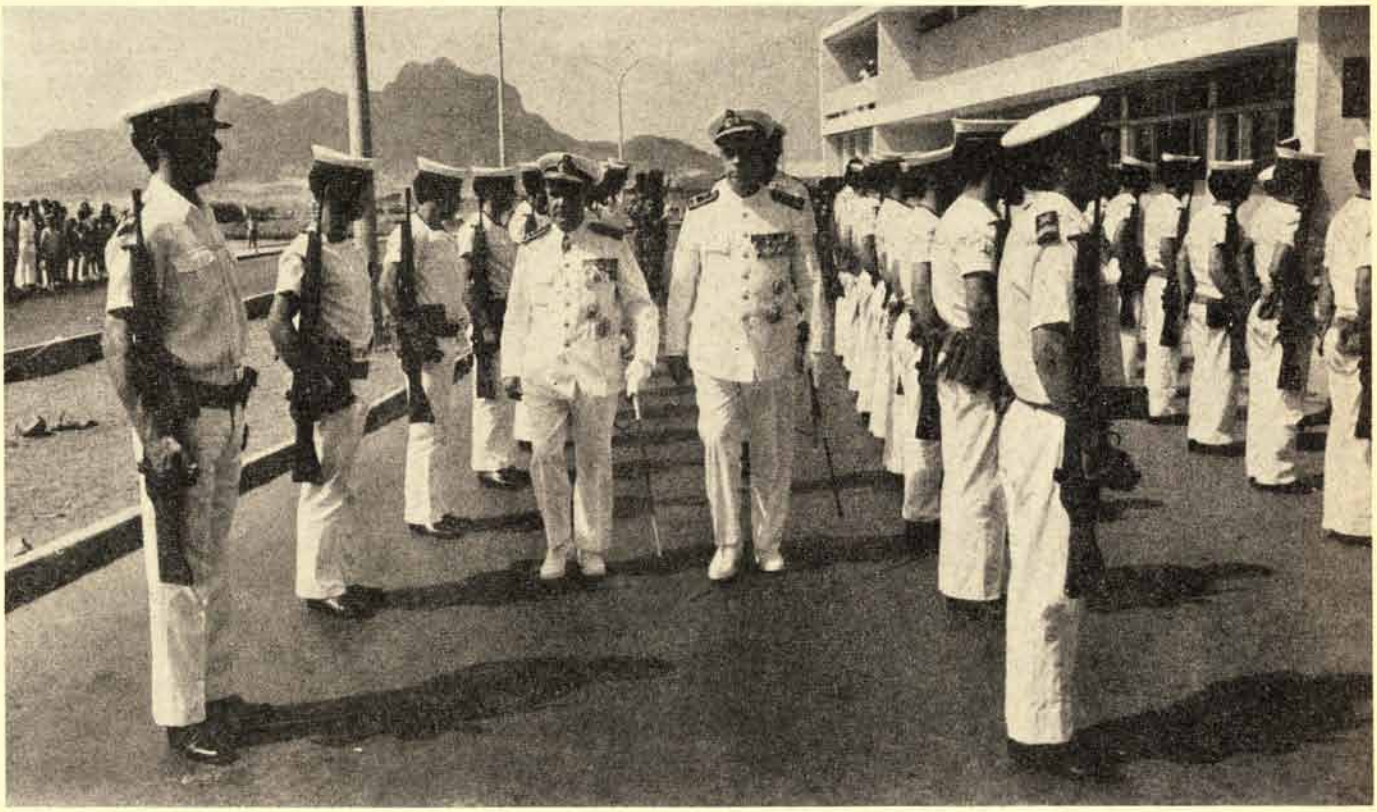
CLASSIFICAÇÃO COLECTIVA

TAÇA COMANDO NAVAL DO CONTINENTE

1.º – C. E. F. A.	(3.º, 4.º, 6.º, 7.º e 9.º)	29 pontos
2.º – G. 1 E. A.	(1.º, 8.º, 16.º, 19.º e 22.º)	56 pontos
3.º – E. F.	(2.º, 13.º, 18.º, 23.º e 29.º)	85 pontos
4.º – G. 2 E. A.	(21.º, 35.º, 45.º, 60.º e 65.º)	226 pontos
5.º – «Sagres»	(10.º, 39.º, 48.º, 64.º e 72.º)	233 pontos
6.º – C. S. D. M.	(27.º, 36.º, 51.º, 85.º e 86.º)	285 pontos

Pedro Caeiro
Cap.-ten.

reportagem



RENDIÇÃO DO COMANDANTE NAVAL DE CABO VERDE

No dia 28 de Outubro teve lugar em S. Vicente a cerimónia da entrega das funções de comandante naval e comandante-em-chefe de Cabo Verde do contra-almirante Paulino Pereira ao comodoro Fragoso de Matos.

Presentes o secretário-geral da província, engenheiro Tito Lívio Feijóo; comandante e oficiais do Comando Territorial Independente de Cabo Verde; oficiais do Comando Naval e das unidades atribuídas.

A guarda de honra às entidades intervenientes nesta cerimónia foi prestada por uma companhia composta por um pelotão da guarnição da fragata «Comandante Sacadura Cabral» e por um pelotão de caçadores do Comando Territorial Independente de Cabo Verde, com bandeira e fanfarra.

ASSUNTOS RELATIVOS À MARINHA DE COMÉRCIO EXPOSTOS AOS ALUNOS DO INSTITUTO SUPERIOR NAVAL DE GUERRA

No dia 5 de Dezembro e a bordo do paquete «Infante D. Henrique», os oficiais dos cursos superior e geral naval de guerra escutaram uma série de exposições sobre

assuntos da marinha de comércio que vários oradores levaram a efeito, por iniciativa da Junta Nacional da Marinha Mercante.

Presidiu à sessão o contra-almirante Gomes Ramos, tendo assistido o contra-almirante Sequeira Araújo, director do Instituto Superior Naval de Guerra, e alguns professores.

NOVO COMANDANTE ADJUNTO DO IBERLANT

No passado dia 6 de Dezembro, numa cerimónia no Comando da Área Ibero-Atlântica, em Oeiras, tomou posse do cargo de comandante adjunto o comodoro Magro Lopes, que substitui naquelas funções o contra-almirante Braga da Silva, recentemente promovido ao actual posto.

EXCURSÕES DE CARÁCTER RECREATIVO E CULTURAL

Por iniciativa do 2.º tenente SG Alcaria Letras, chefe da Secretaria Central da D. S. P., tem o pessoal desta Direcção efectuado excursões de carácter recreativo e cultural a diversos pontos do país. Dado o êxito que têm tido estes passeios, parece-nos que a iniciativa é de ser seguida por outros departamentos.

A foto refere-se a uma excursão a Vila Viçosa, realizada no passado dia 8 de Dezembro, em que se visitou Estremoz, Borba e Vila Viçosa e, nesta última vila, o Paláccio Ducal, a Igreja de N.ª S.ª da Conceição e o Castelo.

O NATAL NO HOSPITAL DA MARINHA

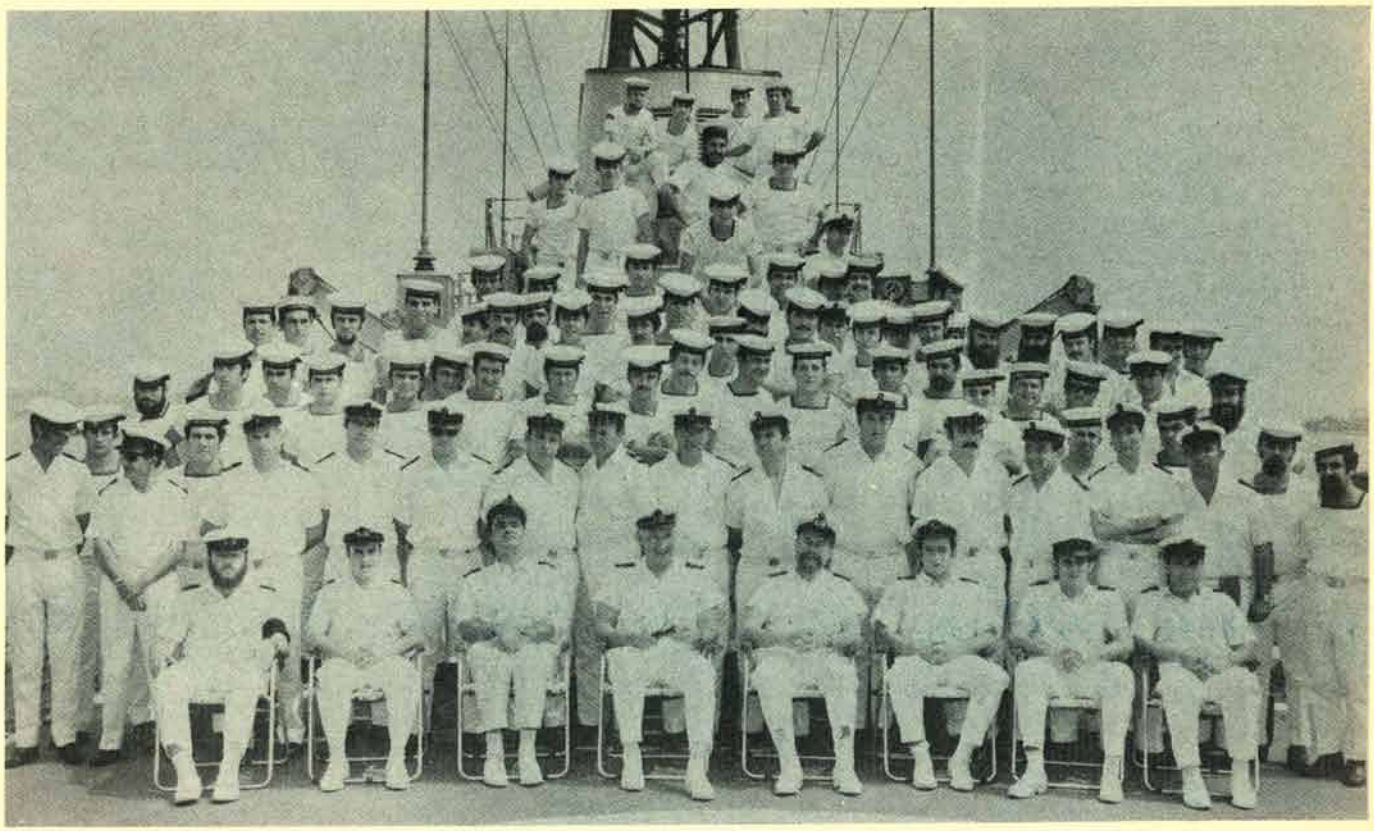
Teve lugar no dia 11 de Dezembro a habitual festa de Natal que, nesta quadra do ano, reúne em ambiente de confraternização os militares da Armada internados no Hospital da Marinha.

O espectáculo decorreu na sala da biblioteca, tendo prestado o seu concurso vários dos nossos artistas: conjunto musical «Os Náuticos», locutor Manuel Aragão, Leónia Mendes, Orlando Fernandes, Hermínia Silva, Mário Silva, Duo Ouro Negro, Miguel Simões, Verónica, Paco Bandeira, Artur Garcia, Florbela Queirós, Daniel Garcia, Lídia Ribeiro, Maria Valejo, Gina Maria, Carlos Areias e Maria Dilar.

A esta festa, organizada pela Cruz Vermelha Portuguesa, com o apoio da Armada, assistiu a es-

posa de Sua Excelência o Presidente da República, Sr.ª D. Gertrudes Thomaz; sua filha, Sr.ª D. Maria Natália Thomaz; a esposa do ministro da Marinha; o ministro da Marinha; a presidente da secção feminina da Cruz Vermelha Portuguesa, Sr.ª D. Maria Amélia de Pitta e Cunha; a chefe da secção de visitadoras do Hospital da Marinha, Sr.ª D. Maria Luísa Rocheta, bem como outras senhoras que colaboram com os seus serviços naquela instituição. Encontravam-se presentes também o superintendente dos Serviços do Pessoal da Armada, contra-almirante Soares Branco; o director do Serviço de Saúde Naval, comodoro Veiga Rica; o director e o subdirector do hospital, capitão-de-mar-e-guerra médico naval Mário Santos e capitão-de-fragata médico naval Álvaro Ataíde, assim

como todo o corpo clínico daquele estabelecimento hospitalar. Antes, a esposa de Sua Excelência o Chefe do Estado fez entrega de algumas lembranças a militares feridos em campanha e o ministro da Marinha igualmente efectuou uma visita a marinheiros internados por ferimentos recebidos em combate, a quem entregou, com desejos de pronto restabelecimento, ofertas de Natal.



REGRESSO DO ULTRAMAR DA CORVETA «HONÓRIO BARRETO»

Chegou no dia 11 de Dezembro a Lisboa a corveta «Honório Barreto», de regresso de comissão em águas de Angola e do arquipélago de Cabo Verde.

Muitos familiares e amigos aguardaram a atracação do navio para saudarem os elementos da sua guarnição.

Também o ministro da Marinha e o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, transmitiram ao comandante daquela unidade, capitão-tenente Hasse de Oliveira, e à sua guarnição, através do capitão-de-mar-e-guerra Dias Martins, os seus desejos de boas vindas.

OFICIAIS DOS CURSOS NAVAIS DE GUERRA VISITAM O COMIBERLANT

No passado dia 13 de Dezembro os oficiais alunos dos cursos superior e geral naval de guerra efectuaram uma visita de estudo às instalações do Comando da Área Ibero-Atlântica, em Oeiras. Foram acompanhados pelo director do Instituto Superior Naval de Guerra, contra-almirante Sequeira Araújo, antigo chefe do estado-maior daquele comando e por vários oficiais professores deste estabelecimento de ensino da Armada.

O CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO COMANDANTE FONTOURA DA COSTA COMEMORADO NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

Realizou-se no dia 13 de Dezembro no Centro de Estudos de Marinha uma sessão comemorativa do centenário do nascimento do

comandante Fontoura da Costa, presidida por Sua Excelência o Presidente da República, a que assistiram o secretário de Estado da Administração Ultramarina; governador de Cabo Verde, general Lopes dos Santos; o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos; os presidentes das secções de história marítima e de artes, letras e ciências, professora doutora Virgínia Rau e capitão-de-mar-e-guerra EMQ Rodrigues dos Santos, respectivamente; professor Hernâni Cidade; familiares do homenageado; oficiais generais e superiores da Armada e outras individualidades.

Abriu a sessão o presidente do Centro de Estudos de Marinha, contra-almirante Sarmento Rodrigues, que fez uma resenha da figura do comandante Fontoura da Costa, tendo sido oradores o contra-almirante Ramos Pereira, o capitão-de-fragata Teixeira da Mota e o dr. Braga Paixão, que traçaram o perfil do homenageado nos vários aspectos em que se destacou.

A propósito da evocação da figura ilustre deste oficial da Armada, acha a nossa Revista de interesse transcrever, com a devida vénia, da Revista «Alpa», do Núcleo dos Antigos Alunos do Liceu de Passos Manuel, um pequeno período de uma carta da autoria do dr. J. Fonseca Júnior dirigida ao reitor daquele liceu acerca do papel que a este estabelecimento de ensino coube na organização da primeira jornada de jogos atléticos em Portugal e onde se evidencia uma das facetas em que o comandante Fontoura da Costa pelo seu saber e forte personalidade se notabilizou – como reitor e como introdutor das actividades gimnodesportivas na vida académica:

«Tanta grandeza no sector da educação física não se atingiria se não houvesse um espírito bem esclarecido, um Chefe, um notável Reitor, maior entre os maiores – muitos teve o nosso Passos, e esse Ilustre Homem chamou-se Fontoura da Costa, cujo retrato não está ainda na Reitoria, entre os seus Pares, por culpa de muitos e até minha, pois vivia-me no pensamento a ingratidão, por saber da sua acção como Educador e da sua Cultura como marinheiro.

«Há que a reparar, trazendo a sua memória até aos novos.

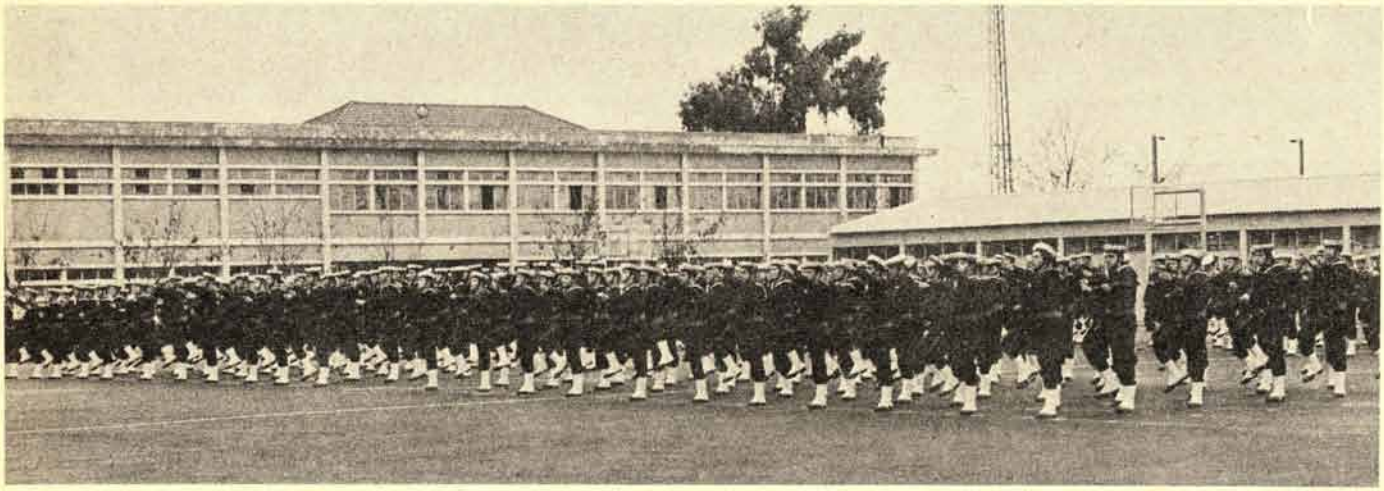
«Vamos a isso, colegas e amigos.»

FESTA DE NATAL DO PESSOAL DO ARSENAL DO ALFEITE

O Coliseu dos Recreios reuniu no dia 15 de Dezembro cerca de 7500 pessoas entre funcionários do Arsenal do Alfeite e seus familiares, na celebração da festa de Natal deste estabelecimento fabril.

A esposa do ministro da Marinha distribuiu ofertas a mais de 1300 crianças ali reunidas que tiveram oportunidade de assistir a um espectáculo tão do seu agrado, bem como aplaudir os premiados no concurso realizado a propósito de temas natalícios para as idades dos 4 aos 12 anos.

O júri foi presidido pela escultora D. Stella de Albuquerque, tendo assistido o administrador do Arsenal, capitão-de-mar-e-guerra ECN Caldeira Saraiva e membros do respectivo conselho de administração.



NOVOS ALUNOS JURAM BANDEIRA EM VILA FRANCA DE XIRA

No passado dia 15 de Dezembro juraram bandeira no Grupo N.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira, 830 alunos, recrutas e voluntários, que constituíram a quarta e última incorporação do ano de 1972.

Presidiu à cerimónia o superintendente dos Serviços do Pessoal, contra-almirante Soares Branco, que foi recebido pelo comandante da unidade, capitão-de-mar-e-guerra Vosgien de Noronha, e por toda a oficialidade que nela presta serviço; assistiu o director do Serviço de Instrução, comodoro Rodrigues Alho, e várias entidades civis e militares.

A alocução foi feita pelo 1.º-tenente RN Sousa Santos, após o que se seguiu a distribuição de prémios aos alunos mais classificados e a leitura da fórmula do juramento de bandeira, a cargo do 2.º-tenente SG Carlos do Patrocínio.

Depois do desfile do batalhão escolar comandado pelo capitão-tenente Ferreira Pinto os alunos exibiram-se em exercícios de preparação física, luta de ataque e defesa e manejo de armas.

TROFÉU DE MOTONÁUTICA OFERECIDO AO MINISTÉRIO DA MARINHA

Pela segunda vez (a primeira em 1971), o engenheiro Guerra Rodrigues oferece ao Ministério da Marinha o troféu por si conquistado em competições de motonáutica no campeonato nacional norte-americano.

A entrega deste troféu teve lugar no dia 19 de Dezembro, no gabinete do ministro da Marinha, indo a taça que constitui o prémio relativo ao 1.º lugar ser exposta no Museu de Marinha, junto da anterior que lá se encontra e do modelo do barco em que este nosso compatriota e conceituado desportista concorre nas competições que naquele país têm lugar.

O engenheiro Guerra Rodrigues é natural de Ovar e encontra-se radicado há 25 anos nos Estados Unidos da América onde recentemente lhe foi atribuído pela sua actuação no desporto o Gulf Marine Racing Hall of Fame, o mais alto e cobiçado galardão do desporto náutico.

O prémio entregue este ano foi conquistado nas competições da II Divisão para barcos com motor interno, na classe de 7 litros, que decorreram na Florida, em que a distância de 10 milhas a percorrer foi vencida à velocidade média de 93 milhas horárias.

Tanto a actual embarcação como a que venceu o prémio o ano passado na I Divisão tem o nome de «Sagres».

EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

Foi inaugurada no dia 18 de Dezembro uma Exposição de Artes Plásticas no Clube Militar Naval.

A Exposição foi aberta pelo presidente da assembleia geral do Clube, comodoro Ferraz de Carvalho, com a presença do director, capitão-de-mar-e-guerra Marques de Abrantes; presidente da Comissão de Redacção dos Anais, comodoro Silva Braga, membros da direcção, oficiais expositores e seus familiares e alguns camaradas.

VISITA DO MINISTRO DA MARINHA ÀS PROVÍNCIAS DA GUINÉ E CABO VERDE

O ministro da Marinha deslocou-se de 20 a 27 de Dezembro às províncias da Guiné e Cabo Verde a fim de visitar os respectivos comandos e instalações navais.

Acompanhado de sua esposa e do oficial ajudante de ordens, o ministro da Marinha esteve em Cabo Verde, nas ilhas do Sal, Santiago e S. Vicente, e na Guiné, em Bissau, deslocando-se à bacia hidrográfica do rio Cacheu onde visitou unidades de fuzileiros ali estacionadas. Em ambas as províncias conferenciou com os respectivos governadores e comandantes-chefes acerca dos assuntos que se prendem com a parte operacional, administrativa e de fomento.

FESTAS DE NATAL NOS GRUPOS N.os 1 E 2 DE ESCOLAS DA ARMADA

No dia 22 de Dezembro o Grupo N.º 1 de Escolas da Armada realizou a sua festa de Natal à qual assistiu o comandante da unidade, capitão-de-mar-e-guerra Vosgien de Noronha, os oficiais, sargentos, praças e pessoal civil ali em serviço e respectivos familiares nos quais se compreendiam cerca de 350 crianças. Em ambiente festivo, exibiu-se um

rancho folclórico infantil da região e palhaços que fizeram a alegria das crianças presentes, a quem foram distribuídos depois brinquedos e balões, terminando a festa com uma merenda servida na Casa do Marinheiro.

Também no Grupo N.º 2 de Escolas da Armada, no mesmo dia, o seu comandante, capitão-de-mar-e-guerra Gomes e Trindade, reuniu em confraternização o pessoal da guarnição daquele grupo de escolas que se fez acompanhar dos seus familiares.
As crianças tiveram a sua tarde de alegria, com distribuição de brinquedos e uma merenda, assistindo ainda a um programa de variedades que incluiu conjuntos musicais, vocalistas, imitador, ventríloquo, ilusionista e o sempre indispensável número de palhaços.

CUMPRIMENTOS DE FIM DE ANO AO MINISTRO MARINHA

No dia 29 de Dezembro, o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, acompanhado dos oficiais generais em serviço no Continente, apresentou ao ministro da Marinha, em nome de toda a corporação, os tradicionais cumprimentos de fim de ano, formulando votos de prosperidades pessoais e dos maiores sucessos no desempenho do seu cargo governativo durante o ano de 1973.

POSSE DO NOVO DIRECTOR-GERAL DOS SERVIÇOS DE FOMENTO MARÍTIMO

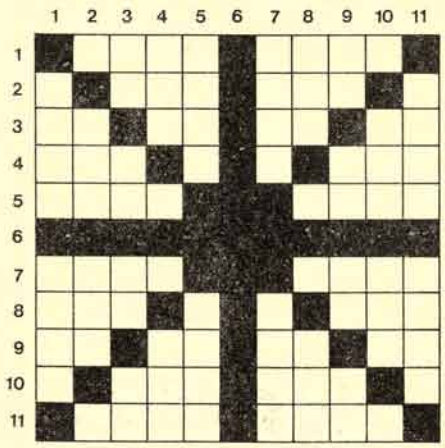
No dia 3 de Janeiro tomou posse do cargo em epígrafe o contra-almirante Lino Paulino Pereira.

O acto, que foi muito concorrido, realizou-se no gabinete do intendente das capitanias, comodoro Malheiro do Vale, que vinha exercendo as funções de director-geral em acumulação.

quarto de folga

PALAVRAS CRUZADAS

(PASSATEMPO N.º 17)



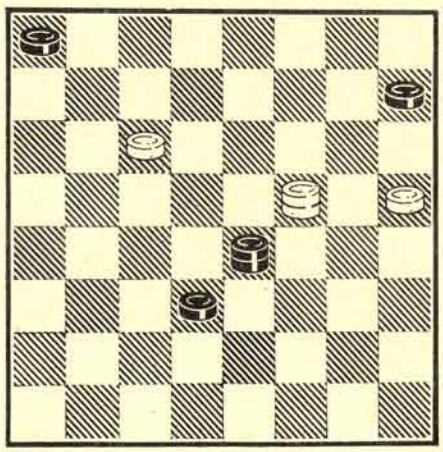
HORIZONTAIS: 1 – Dê aos remos; nome de lancha de fiscalização. 2 – Ruim; pronome pessoal. 3 – Letras designativas de uma especialidade (inv.); duas consoantes; nota musical; forma antiga do artigo «o». 4 – Planeta (inv.); reúna. 5 – Nome de navio-patrulha; um dos dois nomes de uma corveta. 7 – Nome de lancha de fiscalização; nome de lancha hidrográfica. 8 – Altar cristão; debaixo de. 9 – Piedade; letra do alfabeto grego; letras designativas de uma especialização; popa. 10 – Transmite gratuitamente a outros; partida. 11 – Um dos dois nomes de uma fragata; nome de navio-patrulha.

VERTICAIS: 1 – Adoram; margem de rio. 2 – Pronome possessivo; enguia. 3 – Preposição; medida itinerária chinesa; batráquio; letra do alfabeto. 4 – Imensidade; lista. 5 – Vento do leste; um dos dois nomes de uma fragata. 7 – Assiste a um doente; esticam à fieira (inv.). 8 – Pronome pessoal; poema (inv.). 9 – Símbolo químico do gálio; letras designativas da classe de mergulhadores; letra do alfabeto (pl.); símbolo químico da prata. 10 – Letra do alfabeto; grande quantidade. 11 – Fileiras; nome de navio-patrulha (inv.).

M. V. R. Almeida
Esc. dact. do Q. P. C. M. M.

Solução na pág. 34

D A M A S

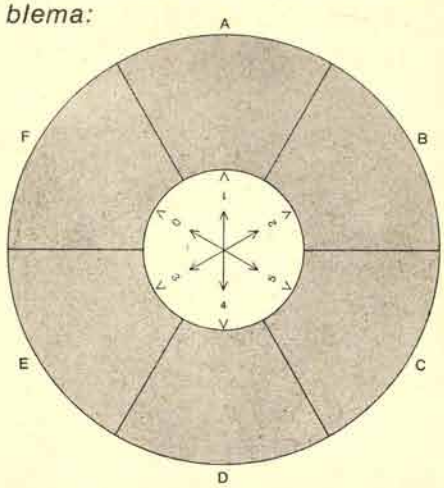


Jogam as brancas e ganham em 4 lances.

Solução na pág. 34

PROBLEMAS PARA ENTRETER

Apresentamos hoje, extraído da mesma publicação que já anteriormente referimos, mais um problema:



Seis jogadores – designemo-los por A, B, C, D, E e F – estão sentados à volta de uma mesa circular, dividida em seis partes iguais. No centro da mesa gira um disco montado num eixo. A disposição é a que a figura mostra. O disco está marcado com setas e algarismos como se indica na figura e faz-se girar cinco vezes. Depois de cada impulso, o disco pára numa posição qualquer e cada jogador conta o número de pontos indicado pelo algarismo que ficar dentro do seu sector. Se a seta cair precisamente na linha de separação dos sectores, essa jogada não conta e será substituída por outra. Ao fim das cinco jogadas quem totalizar mais pontos é que ganha. Se no fim se registar um empate o jogo não conta e iniciar-se-á outro.

A primeira jogada está registada na figura. C fica à frente com cinco pontos. Após a segunda jogada D fica à frente. Depois da quinta jogada, A é o vencedor. Com quantos pontos ficou cada jogador?

Os dados parecem insuficientes mas o problema pode ser resolvido com todo o rigor por meio de deduções correctas.

O MALUCO E O GATO

Um dia estava um maluco num jardim a dar banho ao seu gato e passou um polícia que lhe disse:

– Ouça lá, você não vê que mata o gato?

– Não mato nada, eu só estou a lavá-lo!

– Mas olhe que você mata o gato.

– Ó senhor guarda, mas eu sei o que estou a fazer...

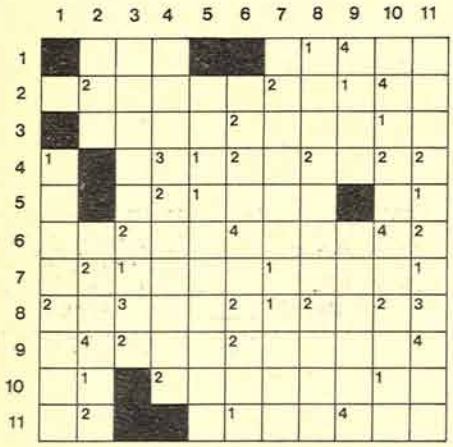
– Bem, eu ainda vou ver uma tragédia, Deus queira que não.

Passado um bocado o polícia lembrou-se do homenzinho e tornou a passar pelo mesmo sítio para ver se o outro ainda estava a dar banho ao gato, e viu o gato morto, e o maluco sentado num banco do jardim muito triste.
– Eu não dizia que você matava o gato?
– Ó senhor guarda, não foi a lavá-lo, foi a torcê-lo!

Apresentado por F. Oliveira
2.º-grumete L

CONCURSO N.º 17

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.



Neste passatempo encontram-se os nomes de todos os navios da nossa Armada (pequenos e grandes) que actualmente (Nov. 72) se encontram na defesa da Guiné Portuguesa.
Para isso, basta substituir os números pelas letras correspondentes, e, depois, pela tua mestria, colocares as que faltam.
– Resolveste o passatempo?
– Ora agora resolve o provérbio que nele se encontra, por sinal muito verdadeiro.

A 2
D 3
I 4
R 1

Nota: *Os nomes tanto se lêem da esquerda para a direita, como de baixo para cima, ou vice-versa.*

José Mourraia
Mar. CM

– A menina Gracinha tem sempre mais sorte do que eu em arranjar licenças...

PROBLEMA DE BRIDGE

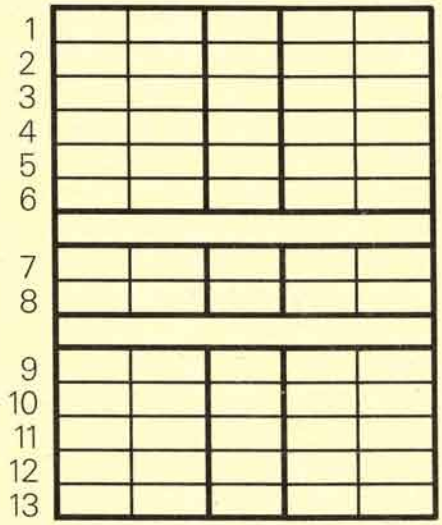
NORTE	SUL
♠ 9	♠ A V 4
♡ 9 4 3	♡ A R V 2
♢ A 10 9 8 7 2	♢ D 6
♣ A 8 7	♣ R 10 6 5

Norte e **Sul** estão vulneráveis.
As declarações são as seguintes:

LESTE	SUL	OESTE	NORTE
Passo	1 pau	1 espada	2 ouros
Passo	3 sem trunfo	Passo	Passo
Passo			

O **Oeste** atacou com o 7 de espadas e o **Sul**, depois de fazer a vaza com o Ás sobre a Dama que o **Leste** deitara, jogou a Dama de ouros sobre a qual o **Oeste** lançou o Valete.
Como teria continuado?

PILHA DE PALAVRAS



1 – Operação aritmética.
2 – Ciumento.
3 – Lâmina de aço que dá movimento às rodas do relógio.
4 – Restos de vela.
5 – Corpo simples, gasoso.
6 – Celebra por meio de verso.
7 – Crosta do pão.
8 – Classe eclesiástica.
9 – Cumes.
10 – Prego da ferradura.
11 – Pesquisar.
12 – Processo da litografia a cores.
13 – Pequeno povoado.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome de uma ilustre figura pública que foi, além de militar prestigioso, alto comissário em Angola, onde realizou obra notável. Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «C».

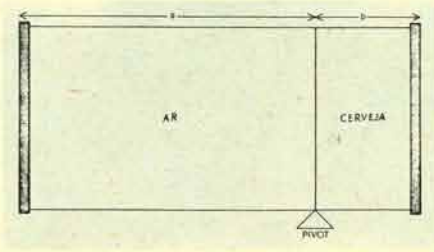
Carlos Barros

SOLUÇÕES

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Solução do problema publicado no número anterior)

Imaginemos que a cerveja foi gelada até solidificar e punhamos a lata horizontalmente em equilíbrio sobre o gume de uma faca (*pivot*) ficando a parte vazia para a esquerda. Se a lata se equilibrar com o *pivot* sob a parte que tem cerveja, se juntarmos mais cerveja a lata tombará para a esquerda; se tirarmos cerveja tombará para a direita. Se ela se equilibrar com o *pivot* sobre a parte vazia passar-se-á o contrário. Porém, se o equilíbrio for conseguido com o *pivot* precisamente na linha de separação ar-cerveja, então qualquer acréscimo de cerveja fará tombar a lata para o lado esquerdo (ver figura).



Uma vez que, neste caso, o centro de gravidade se move para o topo da lata se aumentar a quantidade de cerveja, conclui-se que o centro de gravidade estará o mais baixo possível quando coincidir com a superfície da cerveja.

Com a lata equilibrada desta maneira, imaginemos os pesos distribuídos pela superfície da lata de forma a termos uma lata aberta nas extremidades como se fosse um tubo. Isto não destruirá o equilíbrio porque não faz deslocar o centro de gravidade do sistema.

Ficaremos então com um cilindro cuja massa por unidade de comprimento do lado que estava vazia é proporcional ao peso da lata vazia, enquanto do lado que tinha cerveja é proporcional ao peso da lata cheia. O momento da força no lado esquerdo é portanto proporcional ao peso da lata vazia multiplicado pelo quadrado do comprimento da parte vazia e o momento no lado direito é proporcional ao peso da lata cheia multiplicado pelo quadrado do comprimento da parte cheia. Estes momentos terão de ser iguais para a lata ficar em equilíbrio. Sejam *a* e *b* os comprimentos das partes vazia e cheia quando o centro de gravidade está mais baixo e *E* e *F* os pesos da lata vazia e cheia. Então será: $a^2 E = b^2 F$ ou

$$\frac{a}{b} = \sqrt{\frac{F}{E}}$$

No exemplo dado, a lata cheia pesa 9 vezes mais do que quando vazia. Portanto, o centro de gravidade atinge o seu ponto mais baixo quando o comprimento da parte vazia for o triplo da parte cheia, ou seja, quando a cerveja encher a quarta parte da lata. Terá portanto a altura de 2 polegadas.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Reme; vega. 2 – Mau; ela. 3 – MT; rr; la; el. 4 – Aul; una. 5 – Maio; Enes. 7 – Lira; Mira. 8 – Ara; sob. 9 – Dó; ro; AE; ré. 10 – Doa; ida. 11 – Belo; Fogo.

VERTICAIS: 1 – Amam; lada. 2 – Tua; iró. 3 – Em; li; ra; de. 4 – Mar; rol. 5 – Euro; João. 7 – Vela; maif. 8 – Ela; edo. 9 – Ga; UN; is; ag. 10 – Ene; ror. 11 – Alas; abeg.

DAMAS

1 – h5 – g5 e4 – d5
2 – c6 – b7 a8 x c6
3 – f5 – g4 h7 x f5
4 – g4 × e2 e ganham

Se: 1 – igual d3 – e2
as brancas ganham em 11 lances; quer estudar esta solução?

PILHA DE PALAVRAS

1 – Conta. 2 – Cioso. 3 – Corda. 4 – Cotos. 5 – Cloro. 6 – Canta. 7 – Côdea. 8 – Clero. 9 – Cimos. 10 – Cravo. 11 – Catar. 12 – Cromo. 13 – Casal. (Norton de Matos).

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 15

Cávado, Dão, Bengo, Limpopo, Sado, Lima, Vouga, Quanza, Mondego, Zezere, Coa, Zambeze, Tua e Liz.

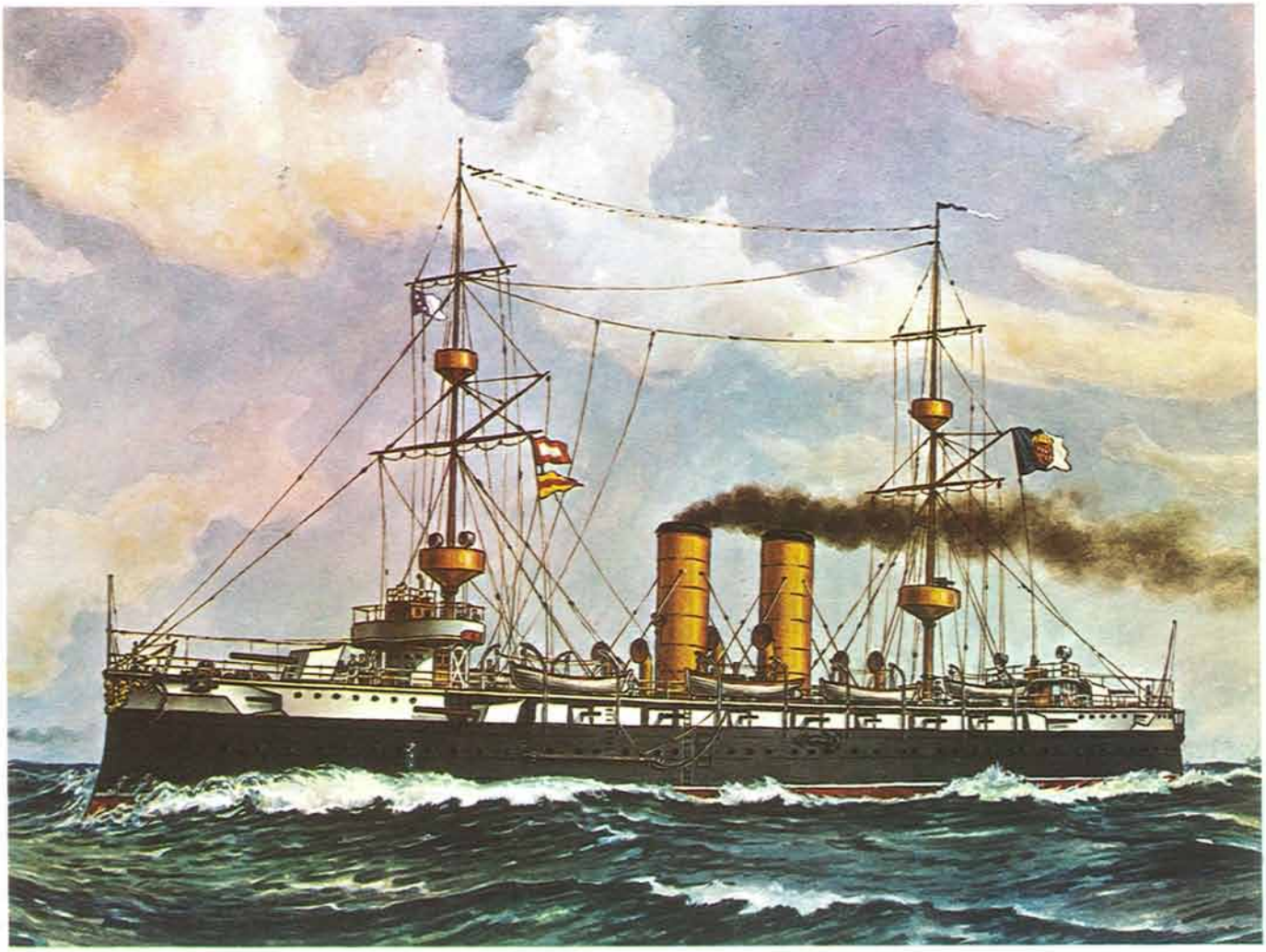
Verificou-se que no emaranhado de letras do concurso n.º 15 existem nomes de 14 rios da Metrópole e do Ultramar e não de 13, como por lapso se indicou. Portanto, consideram-se certas todas as respostas que tenham indicado nomes de 13 rios.

VENCEDOR: António Lopes, cabo L n.º 5488.

TOMBADILHO, PONTE...

(Foto do asp. Costa Ramos)

NAVIOS DA ARMADA



Artur Guimarães

Cruzador "D. Carlos"

Com as suas 4253 toneladas, dois hélices, 22 nós de velocidade máxima, 5 tubos lança-torpedos, 31 bocas de fogo, onde sobressaíam 4 canhões de 150, construído nos estaleiros britânicos da Vickers, em New Castle, em 1898; este cruzador foi uma excelente unidade naval, para a sua época, e a maior que até então tínhamos na nossa Armada. Nasceu do célebre programa do ministro Jacinto Cândido.

A rainha D. Amélia bordou, ela própria, uma bandeira nacional e foi-a levar solenemente a bordo do navio que ostentava o nome do seu rei (dentro de um cofre artístico, que hoje existe, patente ao público, no Museu de Marinha), embarcada no bergantim real, que também se exibe no mesmo Museu.

Implantada a República, o nome de «D. Carlos» passou para «Almirante Reis», lembrando o maior responsável pelo movimento revolucionário e aquele que tomaria o Poder se não se tivesse suicidado por julgar o movimento revolucionário gorado; mudou também de tipo de pintura – do casco preto e cintura branca à borda, ocre nas superstruturas, chaminés e mastros, do século passado, passou a todo cinzento, da concepção actual de pintura de navios.

Durante a I Guerra Mundial foi o navio-chefe da nossa Armada.

Depois de 1918, finda a guerra, a sua actividade declinou completamente e, conforme os dizeres da época, foi abatido, pois pesava demasiadamente no fiel da balança das sucessivas revoluções que caracterizaram os anos turbulentos que se viveram então.

Acabou ao serviço da Armada Real Holandesa, com outro nome, convenientemente transformado e actualizado, uma vez comprado ao nosso Governo, e, ao que parece, veio até à II Guerra Mundial, onde entrou em acção e se perdeu.